

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
ESCOLA DE ENFERMAGEM - EENF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM - PPGENF

DIANA HADAÇA DE LIMA ARAÚJO VILELA

Luto vivido pela família da pessoa que foi a óbito na pandemia COVID-19

Maceió

2022

DIANA HADAÇA DE LIMA ARAÚJO VILELA

Luto vivido pela família da pessoa que foi a óbito na pandemia COVID-19

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Enfermagem.

Linha de Pesquisa: Estudos que contribuem para o entendimento das pessoas no seu contexto e circunstância de vida.

Orientadora: Prof^a Dr^a Isabel Comassetto

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

V6991 Vilela, Diana Hadaça de Lima Araújo.
Luto vivido pela família da pessoa que foi a óbito na pandemia COVID-19/ Diana Hadaça de Lima Araújo Vilela. – 2022.
92 f. : il. color.

Orientadora: Isabel Comassetto.
Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Alagoas. Escola de Enfermagem. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 67-75.
Apêndices: f. 76-81.
Anexos: f. 82-92.

1. Luto. 2. Covid-19 (Pandemia). 3. Enfermagem. I. Título.

CDU: 616-083: 393.7

Folha de aprovação

DIANA HADAÇA DE LIMA ARAÚJO VILELA

Luto vivido pela família da pessoa que foi a óbito na pandemia COVID-19

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas como requisito para obtenção do grau de mestre em enfermagem.

Maceió, 22 de julho de 2022.



Documento assinado digitalmente
Isabel Comassetto
Data: 22/07/2022 16:30:42-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof.^a Dr.^a Isabel Comassetto - UFAL - Orientadora

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
FABIANA ANDREA SOARES FERREIRA
Data: 25/07/2022 04:00:25-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof.^a Dr.^a Fabiana Andréa Soares Ferreira – UFAL – Examinadora Externa



Documento assinado digitalmente
JOVANIA MARQUES DE OLIVEIRA E SILVA
Data: 25/07/2022 08:20:03-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof.^a Dr.^a Jovânia Marques de Oliveira e Silva – UFAL – Examinadora Interna

Aos familiares de pessoas que perderam a vida em decorrência da COVID-19, que generosamente compartilharam comigo a vivência de seus lutos, suas dores, medos e expectativas, as quais, por tamanha grandeza, transbordam quaisquer margens e parâmetros, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a *Deus*, maior fonte de força e amor que tenho conhecido. Meu amparo em todos os momentos, detentor de tudo o que tenho e sou.

Ao meu esposo *Vilela*, meu porto seguro em momentos de dificuldades, esteio forte de nossa família, por sempre estar ao meu lado, por toda compreensão, apoio, solicitude e amor.

Aos meus pais, *Fátima e Geraldo*, meus maiores exemplos de como manter a ternura em momentos de adversidade. Grata a Deus por tê-los em minha vida, por todo amor, abnegação e carinho dedicados a minha formação como pessoa.

À *Prof.^a Dr.^a Isabel Comassetto*, minha orientadora, minha eterna gratidão por todo o incentivo, desde a graduação até aqui, por todos os ensinamentos que vão muito além da vida acadêmica, por além de orientadora ser uma grande amiga, e por dividir comigo todas as angústias desta pesquisa, sendo a fortaleza necessária para que ela se concretizasse.

Aos membros, titulares e suplentes, da banca examinadora, *Prof.^a Dr.^a Fabiana Andreia Soares Ferreira*, *Prof.^a Dr.^a Jôvania Marques de Oliveira e Silva*, *Prof.^a Dr.^a Janaína Ferro Pereira* e *Prof.^a Dr.^a Taís Honório Lins Bernardo*, por terem me proporcionado aprendizado e se disponibilizado em contribuir essencialmente com o amadurecimento e concretização desta pesquisa.

A todo o *corpo docente e demais membros constituintes do Programa de Pós-graduação em Enfermagem (PPGENF)*, da *Universidade Federal de Alagoas (UFAL)*, pelo empenho e garra nessa trajetória de formação de novos mestres, mesmo frente aos tantos desafios encontrados no decorrer dessa jornada em tempos penosos de pandemia.

Aos colegas das disciplinas cursadas, por dividirem suas experiências e conhecimentos, especialmente à *Fabianny Torres e Davi Porfírio*.

Meu agradecimento especial às *pessoas que viveram momentos tão difíceis ao perderem seus familiares para a COVID-19*, em particular as que participaram desta pesquisa. A contribuição dessas pessoas norteou a fundamentação desta pesquisa e tornou possível a sua realização. Obrigada!

“A morte é um excelente motivo para buscar um novo olhar para a vida. A dor do luto é proporcional à intensidade do amor vivido na relação que foi rompida pela morte, mas também é por meio desse amor que conseguiremos nos reconstruir. As pessoas morrem como viveram”.

Ana Claudia Quintana Arantes

RESUMO

A morte e o luto geralmente se apresentam como processos difíceis de serem enfrentados. No contexto da pandemia da covid-19, os impactos psicológicos foram ainda mais intensos. Nessa conjuntura, a investigação aqui proposta tem como objeto o fenômeno velado na existência dos familiares em luto pela perda de um parente com óbito pela COVID-19, durante a pandemia, com o objetivo de compreender, através da fenomenologia existencial, a experiência dos familiares em luto pela perda de um parente que foi a óbito pela COVID-19, durante a pandemia. Com um desenho qualitativo descritivo com abordagem fenomenológica, a foi desenvolvido pautado na seguinte questão norteadora: Qual o fenômeno velado na existência dos familiares em luto pela perda de um parente com óbito pela COVID-19, durante a pandemia? As entrevistas fenomenológicas foram conduzidas por roteiro semiestruturado, aplicado a 10 familiares que perderam parentes em decorrência da COVID-19, durante o período de março de 2022 a junho de 2022. Após transcrição das entrevistas com base nos momentos metódicos compreensivos de Heidegger, os resultados foram agrupados em quatro categorias temáticas ontológicas: ser-no-mundo em luto velado durante a pandemia por COVID-19, que abordou como as características de um luto em tempos pandêmicos implicam no ser enlutado; transcendendo o estar-em-luto por seu parente que foi a óbito por COVID-19, categoria que expõe os sentimentos e as dificuldades que permearam a morte de seus familiares; temporalidade do luto vivido pelos familiares durante a pandemia, categoria que explana o tempo que cada familiar dimensionou seu luto; e o familiar enlutado diante da possibilidade da morte, revelando as transformações existenciais provenientes do processo de enfrentamento do luto. Concluiu-se que no decorrer das vivências compartilhadas apresentou-se um mundo de significados e sentidos ainda encobertos pelo sofrimento de perder um parente em circunstâncias tão aterradoras, o que requer um olhar minucioso e atencioso para a temática.

Descritores: COVID-19; Pesar; Família; Pandemias; Enfermagem.

ABSTRACT

Death and bereavement usually present themselves as difficult processes to face. In the context of the covid-19 pandemic, the psychological impacts were even more intense. In this context, the investigation proposed here has as its object the veiled phenomenon in the existence of family members mourning the loss of a relative who died from COVID-19, during the pandemic, with the objective of understanding, through existential phenomenology, the experience of family members mourning the loss of a relative who died from COVID-19 during the pandemic. With a descriptive qualitative design with a phenomenological approach, the study was developed based on the following guiding question: What is the veiled phenomenon in the existence of family members mourning the loss of a relative who died from COVID-19, during the pandemic? The phenomenological interviews were conducted using a semi-structured script, applied to 10 family members who lost relatives as a result of COVID-19, during the period from January 2022 to March 2022. After transcribing the interviews based on Heidegger's comprehensive methodical moments, the results were grouped into four ontological thematic categories: being-in-the-world in veiled mourning during the COVID-19 pandemic, which addressed how the characteristics of mourning in pandemic times imply being bereaved; transcending being-mourning for their relative who died from COVID-19, a category that exposes the feelings and difficulties that permeated the death of their family members; temporality of grief experienced by family members during the pandemic, a category that explains the time that each family member dimensioned their grief; and the grieving family member faced with the possibility of death, revealing the existential transformations arising from the process of coping with grief. It was concluded that in the course of the shared experiences, a world of meanings and senses was presented, still hidden by the suffering of losing a relative in such terrifying circumstances, which requires a meticulous and attentive look at the theme.

Descriptors: COVID-19; Grief; Family; Pandemics; Nursing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Analítica existencial de Martin Heidegger.....	22
Figura 2: Momentos metódicos comprensivos de Heidegger.....	24
Figura 3: Categorías temáticas ontológicas.....	32

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	APROXIMAÇÃO DA PESQUISADORA COM O FENÔMENO A SER DESVELADO.....	10
1.2	TRAJETÓRIA EM DIREÇÃO AO FENÔMENO.....	12
1.3	OBJETIVO GERAL.....	18
2.	REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	18
2.1	PESQUISA QUALITATIVO COM ABORDAGEM DA FENOMENOLOGIA.....	18
2.1.1	Referencial teórico filosófico de Martin Heidegger.....	19
2.2	TRAJETÓRIA PERCORRIDA PARA A ELABORAÇÃO DA PESQUISA .	25
2.3	ASPECTOS ÉTICOS CONSIDERADOS.....	28
3	TECENDO RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	30
3.1	APRESENTANDO OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	30
3.2	COMPREENDENDO FENÔMENO VELADO NA EXISTÊNCIA DOS FAMILIARES EM LUTO PELA PERDA DE UM PARENTE COM ÓBITO PELA COVID-19, DURANTE A PANDEMIA.....	31
3.2.1	Temática Ontológica 1: Ser-no-mundo em luto velado durante a pandemia por COVID-19.....	31
3.2.2	Temática Ontológica 2: Transcendendo o estar-em-luto sem seu parente que foi a óbito pela COVID-19.....	40
3.2.3	Temática ontológica 3: Temporalidade do luto vivido pelos familiares durante a pandemia.....	45
3.2.4	Temática ontológica 4: O familiar enlutado diante da possibilidade da morte.....	51
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
4.1	SÍNTESE DO CONHECIMENTO DA PESQUISADORA.....	63
	REFERÊNCIAS.....	66
	APÊNDICE.....	76
	APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.).....	76
	APÊNDICE B- INSTRUMENTO DE COLETA.....	79
	APÊNDICE C- CONSOLIDATED CRITERIA FOR REPORTING QUALITATIVE RESEARCH (COREQ) - VERSÃO EM PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL (SOUZA, MARZIALE, SILVA, NASCIMENTO, 2021).....	80
	ANEXO.....	81
	ANEXO 1- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	81

1. INTRODUÇÃO

1.1 APROXIMAÇÃO DA PESQUISADORA COM O FENÔMENO A SER DESVELADO

Durante minha jornada acadêmica, desde a graduação, sempre tive afinidade com o ambiente hospitalar, especialmente com a UTI (Unidade de Terapia Intensiva), ambiente no qual é corriqueiro lidar com eventos relacionados ao processo de morte. Além de presenciar o óbito de diversos pacientes, também testemunhei a dor e o luto vivenciado pelo familiar quando recebia a notícia do falecimento de alguém.

Quando ingressei no mestrado, no auge da pandemia da COVID-19 (Corona virus disease 2019), era comum discutirmos sobre o contexto atual e sobre as diversas pesquisas acerca da doença e suas implicações. Chamava-me a atenção o fato de serem escassos aqueles que tratassem do luto das pessoas que estavam perdendo seus familiares para esta doença, sobretudo devido às particularidades enfrentadas em meio à pandemia. Deste modo, centrei minha atenção nestas pessoas, por acreditar que o relato da vivência de seus lutos, em muito contribuiriam para que um olhar mais atencioso e ações mais efetivas estejam voltados para este momento tão emblemático na vida diante da perda de um familiar. Nessa perspectiva, o objeto de estudo desta pesquisa consiste no fenômeno velado na existência dos familiares em luto pela perda de um parente com óbito pela COVID-19, durante a pandemia.

Logo em seguida, tive a experiência de trabalhar como enfermeira de Terapia Intensiva, especificamente com pacientes submetidos à terapia por ECMO (Oxigenação por Membrana extracorpórea) que foram acometidos pela COVID-19. Essa experiência se configurou numa importante etapa para consolidar a minha motivação em pesquisar nesse âmbito e me aproximou do fenômeno que eu galgo desvelar nesta pesquisa.

Deste modo, obtive a convicção necessária para dar prosseguimento a esta pesquisa, sendo possível dedicar a minha dissertação a estes que precisam de vez e voz: O familiar que sofreu ao vivenciar a perda e ainda está no processo de luto, subsistiu ao enfrentamento da perda de alguém próximo que amava para uma doença tão aterradora, que trouxe consigo circunstâncias sociais ainda mais dificultosas.

Além disso, as etapas seguintes endossaram ainda mais a certeza da minha escolha do objeto de estudo para minha dissertação, ficou tangível o quão grandiosos são os relatos das experiências vividas e compartilhadas comigo nas entrevistas,

certificando a importância em desvelar tal fenômeno somente encontrado no vivido destes que fizeram parte da pesquisa, proporcionando responder a pergunta norteadora: Qual o fenômeno velado na existência dos familiares em luto pela perda de um parente com óbito pela COVID-19, durante a pandemia?

1.2 TRAJETÓRIA EM DIREÇÃO AO FENÔMENO

Considerando que o processo de adoecimento, a morte e morrer trazem uma das experiências mais difíceis que um núcleo familiar pode enfrentar, emergindo repercussões particularmente desafiadoras aos parentes dos falecidos (AREIA *et al.*, 2017), sobretudo quando acontece em um contexto pandêmico, a fim de embasar o tema em pauta procedo com uma abordagem do arcabouço teórico que circunda o vivido pelas pessoas que experienciaram a perda de um familiar pela COVID-19, através de uma discussão com autores.

A COVID-19 (sigla em inglês, para coronavirus disease 2019) foi reconhecida como pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no dia 11 de março de 2020, sendo confirmado no Brasil 31.898.733 casos e 669.530 óbitos atestados até 23 de junho (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022).

Embora o vírus como entidade biológica esteja no cerne desses eventos, é o seu potencial de disseminação e contaminação que levou à sua classificação como pandemia - que, segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde, 2010) se caracteriza precisamente pela “disseminação mundial de uma nova doença” (NEVES, 2021).

Malta *et al.* (2020) afirmam que por se tratar de uma doença que cientificamente não está completamente elucidada, com característica de rápida taxa de transmissão e contaminação, medidas de prevenção individuais e coletivas vêm sendo tomadas, como a lavagem das mãos, uso de máscaras e merecendo grande destaque a restrição social. Ahmed *et al.* (2020) apontam que a restrição social foi a medida preventiva mais propagada pelas autoridades, pois foi considerada a mais efetiva para evitar a disseminação da doença e achatar a curva de transmissão do coronavírus, ocasionando repercussões clínicas e comportamentais no estilo de vida, afetando a saúde mental dos cidadãos.

Comumente, pandemias acarretam perdas em larga escala, sejam por morte, rotinas, perda do estabelecimento de conexões sociais e instabilidade financeira (SCANLON; MCMAHON, 2011). Com a COVID-19 não foi diferente, as pessoas

lidaram com alterações em seus cotidianos e com a incerteza, mais latente, do futuro. Wang *et al.* (2020) corroboram com este pensamento ao afirmarem que, ao lidarmos com uma pandemia as perdas não se restringem as vidas humanas, mas também as perdas de empregos, de interações sociais e de rotinas, o que modifica as formas de contato com os significados da morte e do luto em larga escala social, fazendo com que as pessoas vivenciem desde a privação coletiva da convivência com as pessoas, até a perda da própria saúde ou de familiares e pessoas queridas (SOUZA *et al.*, 2020).

O homem é um ser para morte, e a morte é um fato incontestável na existência humana, é o que afirmam os filósofos existencialistas (GOMES; SOUSA, 2017). Para Heidegger (2015), a morte é o “fim” do ser-no-mundo. E, embora seja um fenômeno que faz parte do ciclo da existência e torna-se fato para todos os indivíduos, a morte e o luto, quando acontecem, raramente são enfrentados com naturalidade, pelo contrário, são fatos traumáticos e dolorosos (CECCON, 2017).

Ariès (2017) refere que a morte na Idade Média era um evento comum e enfrentado de maneira natural pelos envolvidos, a chamada “morte domada”, na qual o moribundo chegava a participar dos rituais, aceitando sua condição de forma serena. Acrescenta que uma visão mais comovente em relação a morte surge no século XIX, como aquela que causa uma separação dolorosa entre os seres amados, e que já no século XX, o ritual do morrer, que antes era vivenciado em casa, passa a ser no hospital, tendo início a interferência no processo de morte. Muitas vezes, na chamada “morte interdita”, demonstrar dor e sofrimento exacerbados pela perda do parente não é considerado algo adequado e chega a ser incômodo.

Brooks *et al.* (2020) afirmam que a morte é um fenômeno que acontece com todos os seres humanos, embora seja um acontecimento universal e inevitável, não costuma ser encarada de forma natural, ocupando um lugar de exclusão na sociedade ocidental, sendo o assunto evitado.

Kubler-Ross (1996) refere que com o avanço evidente da ciência, é crescente o distanciamento do morrer, temendo e negando a morte, o homem busca estratégias palpadas na evolução científica, cada vez mais veemente na crença de que a morte pode ser vencida.

Nesta perspectiva, é concebível que o lidar com a morte de maneira repentina e em certo contexto que envolva múltiplos casos de determinada doença que pode evoluir para óbito, traz consigo desafios adicionais à forma de se adaptar e lidar com

o luto, ultrapassando a concepção do morrer que se instituiu ao longo da vida (WALLACE *et al.*, 2020).

Freud (1996) refere um zelo fervoroso que faz com que a morte seja rebaixada de imposição para uma situação de possibilidades pertencente à vida do homem, embora seja manifesta a mortalidade, cada um adota o seu modo de morrer, pois é um evento permeado de significados para quem o vivencia, sendo a morte um acontecimento único. Além de individual ao desenvolvimento de cada ser humano, a morte-do-outro pertencente ao mesmo ciclo social, despertará um conflito inerente ao processo de luto, delineado como a ambiguidade entre viver o sofrimento pela perda e ter que seguir em frente (GIAMATTEY *et al.*, 2022).

Brooks *et al.* (2020) afirmam que o luto é inerente a toda morte. Definido por Ramos (2016), como uma experiência extremamente complexa, visto que cada pessoa vivenciará o seu luto de forma diferente e particular, a depender da sua cultura, o meio em que vive e o próprio contexto da perda. Danzmann, Silva e Guazina (2021) corroboram com Ramos (2016), ao referir que o luto é um processo fisiológico que envolve e abrange vários aspectos da dimensão humana. Para Selman *et al.* (2020), o luto é uma parte natural da experiência humana, que pode ser vivido de forma intensa e dolorosa, impactando negativamente a saúde física e mental.

Martin (2018) seguindo a mesma linha de pensamento, diz que é necessário entender o luto como uma vivência subjetiva e singular, experienciada de maneira única e diferente por cada pessoa, sendo um processo dotado de múltiplos significados e determinações culturais. O processo do luto seria como ocupar um mundo desertificado por essa ausência, tornando-se mais complicado em meio a tantas perdas, comprometendo o espaço emocional para lembrar de pessoas falecidas e internalizar suas ausências.

Ainda que se trate de processo vivido singularmente, o luto não é um fenômeno puramente individual, visto que a morte atinge uma família que terá que elaborar os sentimentos vivenciados pela perda e as mudanças no funcionamento daquele núcleo, portanto a família pode atuar como facilitadora ou dificultadora do processo, pois cada pessoa é afetada de forma individual, o que implica na forma como o luto atua coletivamente (LOPES *et al.*, 2021).

Ainda relativo a elaboração do luto, Lopes *et al.* (2021) referem que o processo será diretamente impactado por diversos fatores, entre eles a circunstância da morte. Para Gogo *et al.* (2020), diante de uma morte inesperada, o processo de elaboração

do luto pode ser afetado e propiciar distúrbios psicológicos com extrema relevância para quem o vivencia.

Engel (1977) ao discorrer sobre a necessidade de um novo modelo de assistência biomédica, já referia que o luto pode apresentar-se como um fenômeno associado a uma grande variedade de perturbações psicológicas e somáticas. Este luto intenso e doloroso também pode ser prolongado, aparece com uma frequência de aproximadamente um para cada 10 adultos, perdurando por mais de seis meses com sentimento de vazio ou falta de sentido para continuar a viver, pois a angústia proveniente da perda leva a pensamentos indesejáveis que invadem a mente causando perturbação mental (LUNDORFF *et al.*, 2017).

Lobianco e Costa-Moura (2020) abordam que a ocorrência da pandemia institui uma desorientação no cenário da experiência da morte, pois passa a ser uma vivência coletiva, mas que continua com suas expressões amparadas na singularidade. Ao nos depararmos com milhões de mortes em um curto período de tempo, ao mesmo tempo em que a tristeza nos assola por se tratarem de conhecidos e amigos diretos, somados as mudanças cotidianas no estilo de vida, nos hábitos, nos costumes e nas relações, a maneira como tratamos a morte na vida muda inteiramente, não se pode mais “não falar sobre”, é preciso crer e enfrentá-la.

Assim, o enredamento em meio à pandemia de COVID-19 pode modificar o processo de luto de diferentes formas, sendo possível para algumas pessoas que sofreram a perda durante a pandemia conseguirem elaborar o luto e se adaptar às transformações, enquanto para outras o processo do luto pode apresentar-se de forma intensificada, complicada e permeada pelo sofrimento, pois a perda não foi elaborada satisfatoriamente (CREPALDI *et al.* 2020).

Segundo Cardoso *et al.* (2020), na conjuntura da COVID-19 surgem elementos diversos que dificultam o processo de elaboração do luto, tais como: as mortes súbitas e em isolamento hospitalar, o menor tempo de despedida, estigma e discriminação por se tratar de uma doença pouco conhecida e altamente contagiosa, a míngua dos rituais funerários, além de outras perdas associadas ao novo cenário social.

Os protocolos de isolamento seguidos em ambientes hospitalares, nos quais os pacientes têm contato restrito apenas com a equipe, e a família não tem permissão de visitar ou permanecer no acompanhamento diário contribuem para os quadros de angústia e ansiedade, pois os familiares têm medo de que seus parentes morram sozinhos e desamparados (SCHMIDT *et al.*, 2020), bem como a estipulação de um

novo ritual para a morte que impactou na conduta do transcurso dos velórios e enterros segundo as suas tradições (SELMAN *et al.*, 2020).

Ritos e rituais são reconhecidos pela psicologia desde muito como de grande valia emocional, comuns a todas as culturas e organizações sociais, auxiliando as pessoas na canalização de emoções, através do compartilhamento de comportamentos, nos quais transmitem suas crenças e seus valores, marcando o luto, como uma forma de condecorar o ser que foi perdido, reconhecendo sua importância, além de serem instrumentos de maturação psicológica, ao auxiliarem os indivíduos na concretude da perda (CARDOSO *et al.*, 2020), facilitando o processo de despedida (CREPALDI *et al.*, 2020). Se suspensos ou modificados o processo de luto passa a ser mais desafiador (INGRAVALLO, 2020).

Juntamente com a perda abrupta do familiar por uma doença aguda, viver a impossibilidade de celebrar os ritos finais é abrir mão de um momento de conexão entre os seres, de comunhão, de extravasar as emoções dolorosas, o que torna o enfrentamento do luto tarefa ainda mais árdua (SOUZA; SOUZA, 2019).

Leite (2019) perante a dificuldade em se aceitar a morte, aponta a importância de um marco simbólico da mesma, pois ao preteri-la à perspectiva do real, pode haver o impedimento do processo de luto, pois a morte biológica, como um registro real do fato, nunca é suficiente, ela apenas existe quando demarcada pelo simbólico.

O fato de que familiares que perderam parentes devido à COVID-19, terem sido impedidos de ver seus corpos devido as restrições sanitárias, pode ter contribuído, segundo Souza Júnior e Henderson (2021), para um processo de melancolização, um apego maior ao objeto perdido, sendo um obstáculo no enfrentamento da morte de maneira plena.

Dodd *et al.* (2020) afirmam que familiares que consideram que o falecido não recebeu o ritual funerário que merecia e que não recebem o apoio e o conforto social que almejam, podem evoluir para o denominado “*luto complicado*”, que se caracteriza por uma desorganização prolongada que dificulta ou impede a reorganização psíquica e a retomada de atividades anteriores à perda, adicionalmente a isso, mais de um membro da família pode estar infectado e/ou hospitalizado (BAJWAH *et al.*, 2020).

Neste contexto, a tecnologia emergiu como uma estratégia para reduzir o sofrimento, segundo Wang *et al.* (2020) e Arango (2020), em alguns países, equipes de saúde disponibilizaram, com a permissão dos familiares, imagens dos rostos dos pacientes falecidos em decorrência da COVID-19, para que suas famílias tivessem

uma evidência visual da morte do paciente e obtivessem uma espécie de catarse, para aqueles que não puderam conversar ou visitar o parente antes de sua morte. Nos casos em que os óbitos ocorrem ainda no período de transmissão viral, os funerais passam a serem realizados com o caixão fechado e com a presença de no máximo 10 pessoas.

Porém, tais recursos não substituem os rituais funerários tradicionais, apenas podem auxiliar pessoas a se despedirem dos falecidos, bem como que sejam capazes de se apoiarem mutuamente, ainda que de forma virtual, trazendo repercussões na morte e no morrer (INGRAVALLO, 2020).

Rebelo, Lancman e Batista (2017), abordam que uma perda pessoal profunda coloca em destaque as reações inerentes ao pesar, sendo este um desequilíbrio intrínseco da perda, pois ao não ter mais a pessoa com a qual existia uma ligação afetiva, sentimento de insegurança e medo são despertados, sendo o pesar parte do que experiência alguém vivendo um processo de luto, e traz consigo o desalento e a solidão, embora viver o luto é viver um processo que potencializará as competências naturais da pessoa para enfrentar e expurgar o pesar. Busa, Silva e Rocha (2019) afirmam que assim o enlutado passará por fases comuns a consumação do luto, e conviverá com sentimentos negativos, mas também com sentimentos positivos que resgatem a vontade de voltar a viver em plenitude.

Diante do exposto, esta pesquisa justifica-se pelo fato de que, diante da compreensão deste fenômeno vivido, foi possível conhecer mais concretamente o luto dos familiares vivenciado no contexto único de pandemia, a fim de que se proporcionem estratégias para uma assistência adequada para os familiares diante da morte, direcionado um olhar para suas reais necessidades, visando seu bem-estar físico, mental, social e psicológico.

Há uma lacuna na assistência de enfermagem no que concerne aos familiares enlutados, a inserção desta temática no contexto específico da pandemia manifesta um espaço-tempo a ser melhor investigado. Logo, esta pesquisa evidencia sua relevância ao possibilitar conciliar em tempo oportuno o resultado desta pesquisa como potencial de aprimoramento do cuidado do familiar que vivencia o luto proveniente do período pandêmico. Além disso, a execução desta pesquisa torna-se relevante diante da possibilidade de contribuir com as ações, programas e políticas públicas que tenham a saúde e o bem-estar do familiar em luto como foco.

1.3 OBJETIVO GERAL

O alcance de tal resultado será viabilizado pelo objetivo traçado na pesquisa, o qual consiste em compreender, através da fenomenologia existencial, o fenômeno da existência dos familiares em luto pela perda de um parente com óbito pela COVID-19, durante a pandemia.

2- REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1 PESQUISA QUALITATIVO COM ABORDAGEM DA FENOMENOLOGIA

Esta pesquisa de acordo com a coerência científica, direciona-se à abordagem qualitativa, estruturado com base nos conceitos da fenomenologia existencial, embasada na interpretação teórica filosófica de Martin Heidegger (2015), cuja ênfase incide sobre o desvelar do fenômeno velado na existência dos familiares em luto pela perda de um parente com óbito pela COVID-19, durante a pandemia. Esta linha de pesquisa orienta o enfoque do estudo, a fim de compreender os fenômenos que o cercam.

Para Souza, Cabeça e Melo (2018), a existência conduz à reflexão sobre a vida, a morte, a dor, a angústia, o pensamento e o ser, concepções de cunho filosófico, a qual a enfermagem dedica especial investigação com o intuito de obter conhecimento sobre o ser-no-mundo para aprimorar a ciência do cuidar.

A pesquisa qualitativa trata da magnitude dos fenômenos na busca das singularidades dos seus significados. Isso responde a questões muito específicas, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado (MINAYO, 2017). A autora acrescenta que pesquisadores qualitativos atuais trabalham com vários tipos de abordagem, sendo o que comprova a cientificidade da pesquisa, voltada para análise de casos concretos em que se manifestam por meio de expressões e significados.

Desenvolvida como uma alternativa ao paradigma positivista, a fenomenologia surgiu no final do século XIX e início do século XX, na Alemanha, tendo como grande idealizador Franz Brentano, porém, foi seu discípulo Edmund Husserl, influenciado por Platão e René Descartes, quem deu a fenomenologia o caráter de método de análise (González *et al.*, 2012).

A fenomenologia surgiu em um contexto histórico acentuadamente positivista que rejeitava a experiência do Ser, que centrava a atenção no naturalismo que encontrava na dinâmica da causalidade como princípio investigativo, já Edmund Husserl defendia que a ciência de seu tempo não poderia esclarecer os problemas típicos dos humanos, pois não considerava as formas de subjetividade, sendo assim, era necessário que um novo modelo de produção de conhecimento fosse produzido, para que pudesse ser capaz de identificar e recuperar o sentido que torna verdadeiramente o homem humano (NANTES, 2020).

A descrição fenomenológica dada por Edmund Husserl é a de que a fenomenologia deve *'ir as coisas mesmas'* (*zu dem Sache selbst*), pois assim será possível evidenciar o fenômeno em si mesmo, coisa tal que não seria possível com o olhar habitual do pesquisador que vinha carregado de pressupostos, pois somente quem vivencia a experiência é confiavelmente capaz de responder à investigação do fenômeno (GONZÁLEZ *et al.*, 2012).

A fenomenologia permite ao pesquisador a compreensão dos fenômenos da vida cotidiana do ser, ao passo que são experienciados e percebidos de forma consciente, assim, é possível apropriar-se do fenômeno posto e estudá-lo de forma sistemática, compreendendo o objeto em sua essência, através de uma experiência consciente (COMASSETTO, 2014).

Entre os filósofos dessa época temos Martin Heidegger, que amparou seu pensar na teoria do Ser de Aristóteles e o método fenomenológico de Husserl, que foi seu mestre nos estudos filosóficos, porém, seu posicionamento foi divergente de seu professor, ao tentar apartar-se do método de Husserl, pois a reflexão de Heidegger na filosofia que tem como tema o *ser-no-mundo* de pensamento ocidental (AMORIM *et al.*, 2019).

Martin Heidegger, com uma abordagem na fenomenologia existencial, permite a compreensão do fenômeno velado no vivido, portanto foi o teórico filosófico considerado para a condução desta pesquisa.

2.1.1 Referencial Teórico Filosófico de Martin Heidegger

Para esta pesquisa optou-se pela fenomenologia Heideggeriana, por trazer a abordagem existencial que possibilita compreender os fenômenos da existência dos familiares em luto que perderam pessoas em decorrência da COVID-19, pois estes familiares são seres existenciais, que por meio de suas consciências atribuem significados aos fenômenos vividos.

O filósofo alemão Martin Heidegger, tem sua obra como um importante propulsor da filosofia do século XX, ao trazer uma reflexão sobre a existência humana por meio da interrogação do sentido do ser, criticando a orientação do pensamento ocidental baseado na metafísica, Heidegger questiona o modo de ser e de habitar o mundo, tendo como principal propósito compreender o sentido da existência humana (BRAGA; FARINHA, 2017).

Para Heidegger (2015), a fenomenologia permite ver por si próprio aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo, possibilitando compreender não o “quê” do objeto de investigação, mas sim o “como se mostra”, baseado nele próprio e em como experiencia o mundo, sendo como essencial e fundamental o *Ser* encontrado no fenômeno, e tal *Ser* é sempre *Ser* de um *ente*.

A indagação do *Ser* põe em paralelo duas dimensões: a *ôntica*, que se refere ao horizonte de manifestação do *ente* e a tudo aquilo que o *Ser* percebe, entende ou conhece de imediato. E a *ontológica*, referente ao horizonte das possibilidades de ser de um *ente*, ou seja, tudo aquilo que possibilita as várias maneiras de algo ser manifesto, produzido, presente, atuado e sentido (HEIDEGGER, 2015).

Heidegger (2015) busca compreender o sentido do *Ser* através de uma terminologia própria, denomina o modo de ser do homem como *Dasein*, o *ser-aí*, considerado um *Ser* privilegiado, por ser capaz de questionar e compreender o *Ser*. Questionar sobre o *Ser* remete ao plano *ontológico*, ou seja, ao plano existencial, que considera o indivíduo como *ser-no-mundo*, que se relaciona com pessoas do seu universo social, *entes* que Heidegger denomina *Dasein*, e também com as coisas, denominadas *entes* simplesmente dados.

Farinha e Braga (2017) referem que *Dasein* é a palavra alemã utilizada para denominar ser humano, inferindo presença que abarca o indivíduo no todo, como existente humano, rememorando a constituição ontológica de homem, ser humano e humanidade e aponta para a indiferenciação humana: somos no próprio movimento de realização de nossas possibilidades de ser. De forma ontológica o homem se forma de passado, cotidiano, presente e de tudo aquilo que é possível no futuro, sendo um *Ser* temporal que em essência se mostra como possibilidade.

Ser não se trata de substância, mesmo que abstrata. *Ser* não é uma coisa. *Ser* é simplesmente o modo daquilo que é. Um verbo em sua forma infinita e não um substantivo, *Ser* é movimento, *Ser* se torna sendo. *Ser* é um *ente* sendo e assim, pelas inúmeras possibilidades em aberto, não há como precisar, objetificar e nem aprisionar o *Ser* em um único sentido, pois, *Ser* é cada vez o *ser* de um *ente* (HEIDEGGER, 2015).

Homem e *mundo* aparecem como unidade ontológica original na obra de Heidegger *Ser e Tempo*, pois não há *homem* sem *mundo*, nem *mundo* sem *homem*. A racionalidade do *homem* irá se desenvolver mediante o vínculo original do *homem* com os demais *entes*. As *coisas* do *mundo*, os *outros* e o seu próprio *Ser* fazem

diferença para o *Dasein*, podem tocá-lo de alguma maneira (ROEHE; DUTRA, 2014). Desta forma, o *Dasein* se estabelece como um *Ser* de relações, se relacionando com outros *entes* ao passo que os compreende em seu *Ser* (PEDRON; SILVA, 2018).

Desse modo, Heidegger (2015) considera que a compreensão do *ser-aí* "inclui a compreensão de *mundo* e a compreensão dos *entes* que se tornam acessíveis dentro do *mundo*"; o *ser-aí* como *ser-no-mundo* revela que ele é ao mesmo tempo junto das *coisas* (objetos) e junto dos *outros*, *ser-com-outro* e consigo mesmo (CARDINALLI, 2015).

Figura 1- Fenomenologia existencial de Martin Heidegger



Fonte: elaborado pela autora (2022).

A existência do *ser-aí* em seus *modos fundamentais de Ser* orienta-se, portanto, pela *ideia de existência*, sendo a existência a essência do *ser-aí*, sendo as estruturas ontológicas constitutivas do *ser-aí* chamadas por Heidegger de *existenciais* (KIRCHNER, 2016). *Existenciais* são as determinações *ontológicas* específicas para capturar e apresentar o *Ser* de *entes* existentes. Os *existenciais* são contrastados com categorias, que são as determinações *ontológicas* de *entes* intramundanos *não-existentes*.

Em *Ser e tempo*, Heidegger desenvolve a *ontologia* fundamental por meio de uma descrição detalhada dos "*existenciais*", sendo estes, estruturas interpretativas que possibilitam ver o *Dasein* como um *ser-no-mundo*, e como *ser-no-mundo* é temporal e histórico (CARDINALLI, 2015). *Existenciais* são, então, os elementos, os

índices do modo de Ser do *ente* chamado *ser-aí*, cuja constituição fundamental é *ser-no-mundo* (KIRCHNER, 2016).

O *ser-no-mundo* como *existencial*, nos apresenta um Ser que está sempre em relação com algo ou com alguém. Heidegger afirma que o homem é sempre um *ser-no-mundo*, ou seja, um *ser-em-situação*, diante de sua condição de ser no mundo, o homem é lançado as possibilidades de ser, sem nenhuma propriedade prévia que nos determine, estamos constantemente frente à ameaça de *não-ser*, pois não estará preso à situação em que se encontra, mas sim aberto para que possa se tornar algo novo (FARINHA, BRAGA, 2017). Deste modo, compreender o modo de ser no mundo de alguém dar-se-á a partir das várias maneiras como ele se mostra, se desvela, se torna presente para o outro (CARDINALLI, 2015).

A existência emerge como traço existencial por ser a característica natural, denominada transcendência. A compreensão do *ser-aí* deve se dar sempre por sua *existência*, ou seja, a possibilidade de ele ser ele mesmo ou não, sua essência está na sua *existência*, sendo sempre um Ser projetado para além do que, dinâmico, preocupado, se transcendendo a cada momento, em um movimento de ultrapassagem que constitui todo sentido para a expressão *ser-no-mundo* (HEIDDEGER, 2015).

Heidegger identifica um terceiro *existencial* que é a *temporalidade*. Esta aparece no modo de ser humano: antecede-se se preocupando com futuro, com base no passado para lidar com o que vem ao seu encontro no mundo no presente (ROEHE; DUTRA, 2014).

A *temporalidade* é o que permite o homem alcançar o entendimento autêntico de sua *existência*, pois transcende o próprio *Dasein*, sendo pela experiência da *temporalidade* que emerge o problema do Ser por meio de uma nova perspectiva, a do horizonte temporal (GUEDES, 2020).

A situação *existencial* é inseparável da *temporalidade*, logo, o homem só existe porque está essencialmente ligado ao tempo, sendo a temporalidade responsável por unir *essência* com a *existência*, ou seja, os sentidos do Ser, pois não se trata de um aglomerado de momentos, mas uma compreensão ampla no passado, do presente e do futuro, pois *existir* é o mesmo que *temporalizar-se* (HEIDDEGER, 2015).

Outro *existencial* como estrutura fundamental característica do Ser é a morte. O *ser-resoluto* é aquele compreendido como o Ser que se projeta constantemente, ou seja, o *Dasein* vai em direção ao entendimento do sentido do seu *si-mesmo*, tendo a

morte como a maior das certezas humanas, pois a morte, é a possibilidade mais própria do *ser-aí*, é o que possibilita ao *ser-aí* vir a si mesmo, e, com isso, dar-se a si mesmo à compreensão (FELIX, 2017).

Essa relação do *Ser-com-o-mundo* permite a utilização de preceitos heideggerianos na leitura acerca do que consiste a vivência da experiência de uma ou outra pessoa, como transcorrerá na presente pesquisa. Essa relação se torna ainda mais próxima e íntima porque a vivência é de um *Ser* que vivencia de perto a morte de outro *Ser*, ambos pertencentes ao mesmo núcleo familiar.

Partindo deste pensamento, o familiar de um paciente que foi a óbito por COVID-19 possui a liberdade e a subjetividade que lhe é própria como *Ser*, ao experimentar a morte de alguém querido, pois este familiar tem um modo de *ser-no-mundo*, e este modo de ser é fator gerador de *angústia*, e é nesta *angústia*, segundo os ensinamentos Heideggerianos, que se encontra a *essência* do *ser-aí*, a totalidade da existência como *ser-no-mundo* (HEIDEGGER, 2015).

Para Heidegger (2015), essa condição ontológica diz respeito à experiência da própria condição de *ser-no-mundo*: lançados as nossas possibilidades de ser, sem nenhuma propriedade prévia que nos determine, estamos constantemente frente à ameaça de *não-ser*.

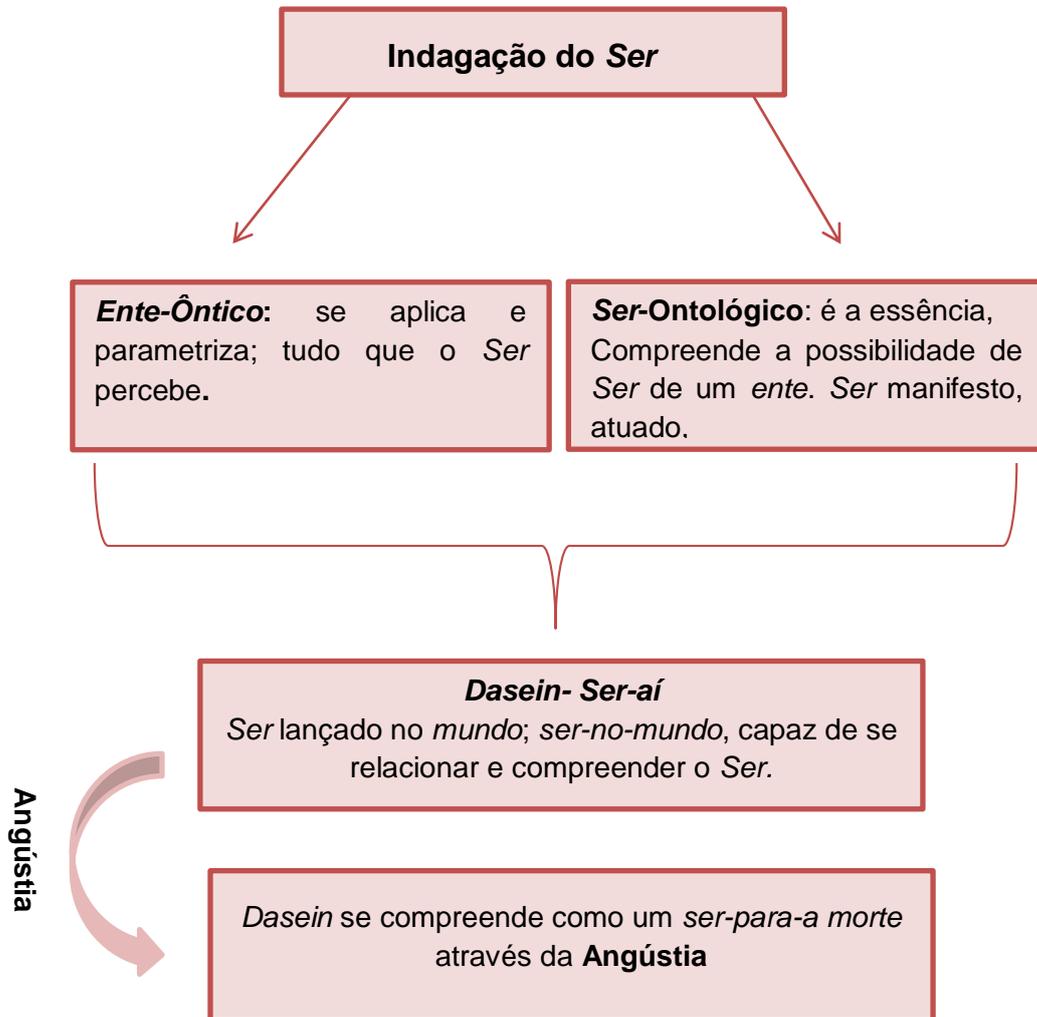
A *angústia* emerge como a disposição afetiva que nos volta não para o *mundo*, mas para nossa própria condição existencial, pois rompe com os significados alicerçados na existência cotidiana e nos abre a condição da pura possibilidade, fazendo com que a *angústia* seja uma condição *ontológica* (FARINHA; BRAGA, 2018).

A *angústia* terá o papel de nos colocar à frente da condição existencial de ausência de significações, e a partir daí o *Dasein* pode perceber sua absorção no cotidiano e apropriar-se da realização de suas possibilidades de *Ser* e, nesse contexto, perceber-se em sua trajetória existencial. É através da *angústia*, que o *mundo* das ocupações impessoais cotidianas, familiares e tranquilas perdem o sentido, assim o *Dasein* se vê diante de si mesmo, singularizado como *ser-possível* para quem a propriedade e a improriedade são possibilidades do seu modo- de *Ser* (ROEHE; DUTRA, 2014).

A *angústia* é a estrutura fundamental que permite ao *Dasein* assumir sua *autenticidade*, promovendo a compreensão de sua finitude, ao passo que esta se apresenta como real e determinada como possibilidade na existência humana, e embora encontre-se indeterminada na nossa consciência, Heidegger a caracteriza de forma singular, ao afirmar que o homem é um *Ser* para a morte (HEIDEGGER, 2015).

Na Figura 2 apresenta a representação gráfica da análise existencial guiada pela fenomenologia filosófica heideggeriana.

Figura 2- Analítica existencial de Martin Heidegger



Fonte: elaborada pela autora, 2022.

Portanto, partindo do pressuposto que o familiar é um *ser-no-mundo* ao mesmo tempo em que é um *ser-para-morte*, segundo a concepção heideggeriana, ao vivenciar a possibilidade de *morte do-outro*, esta se mostra mais sentida pelo *Ser* que a vivência, pois é uma perda experimentada na existência do próprio *Ser* que sofre a perda pela morte do outro, pois a experiência *ontológica* da morte não acontece, visto que não é possível fazer a experiência da morte do outro, mas apenas estar junto, sendo uma experiência única, permeada de sentimentos fragilizantes (HEIDDEGER, 2015).

Deste modo, ao buscar desvelar a experiência dos familiares em luto pela perda de um parente que foi a óbito pela COVID-19, durante a pandemia, a fenomenologia existencial de Martin Heidegger nos leva ao encontro desta experiência, vivida pelo familiar como *ser-no-mundo*, que lhe atribui significados conforme sua condição do *mundo*. Assim, buscou-se elucidar o fenômeno, revelando e compreendendo o que emerge dos discursos destes familiares acerca da experiência do luto vivido pela *morte-do-outro*.

2.2 TRAJETÓRIA PERCORRIDA PARA A ELABORAÇÃO DA PESQUISA

Participaram da pesquisa¹⁰ familiares que atenderam aos critérios de inclusão, de ser familiar vivendo o luto da perda de um parente com óbito pela COVID-19, durante a pandemia. Com idade igual ou superior a 18 anos; que possuíam vínculo afetivo e grau de parentesco com a pessoa falecida, sendo imprescindível que a pesquisadora percebesse proximidade evidente do participante com a pessoa que foi à óbito, que tivesse acompanhado o processo do adoecimento até o falecimento. Foi respeitado um tempo de três meses após a perda do familiar para a realização da entrevista.

Como critérios de exclusão, elencou-se a ausência de condições cognitivas para o estabelecimento de diálogo e/ ou que estavam sob efeito de drogas lícitas ou ilícitas, que implicassem em alterações na sua consciência/ lucidez/ senso percepção e que tivesse vínculo afetivo com a pesquisadora.

O cenário da pesquisa foi construído em conjunto com os participantes da pesquisa, que residiam nos Estados de Alagoas e Rio Grande do Norte, onde a pesquisadora residiu no período da pesquisa. A pesquisadora definiu, em harmonia com cada participante, o local de sua preferência para a realização das entrevistas, sendo escolhida a própria residência do participante, onde sempre foi assegurado a privacidade e conforto durante o tempo que durou a entrevista, tendo uma média de 30 a 40 minutos. A região de inquérito foi o vivido dos familiares em luto que participaram desta pesquisa, ou seja, um espaço conceitual no qual encontrou-se situado o fenômeno que foi desvelado

Na realização das entrevistas foram obedecidos os princípios éticos da pesquisa de acordo com a Resolução nº 510/16 e Resolução 466/12 do CNS/CONEP. Sendo iniciadas somente após a avaliação e aprovação do projeto de pesquisa pelo

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas, sob o protocolo nº 5.284.729 e CAAE: 54137721.8.0000.5013 (ANEXO 1).

Segundo dados do Ministério da Saúde (MS), até 03 de outubro de 2021, data que foi iniciado o projeto desta pesquisa, o número de mortes no Brasil por COVID-19 era de 597.948 óbitos, no Estado de Alagoas o número era de 6.223 óbitos e no Rio Grande do Norte era de 3.806 óbitos. Com base nestas informações obtidas antes do início da pesquisa foi planejado junto ao CEP/UFAL que a estratégia adotada para a seleção dos participantes seria escolher entre os casos de óbitos, em decorrência da COVID-19, de conhecimento profissional ou do círculo social da pesquisadora. Assim, foi facilitado o acesso da pesquisadora com possíveis participantes da pesquisa e ampliado o leque de acesso à diferentes experiências vividas pelos familiares.

Assim, no mês de março de 2022 foi iniciada a aproximação com os possíveis participantes da pesquisa. De posse do contato telefônico dos familiares de pessoas que foram à óbito antes de 10 de janeiro de 2022 foi iniciada o contato pessoal com o familiar que a pesquisadora tinha melhor acesso, confirmado qual o familiar que correspondia aos critérios de inclusão e exclusão listados no projeto de pesquisa.

Após, a pesquisadora prosseguiu com a aproximação individual aos possíveis participantes, explicando minuciosamente sobre a proposta da pesquisa e os convidando para participar. Nesta ocasião a pesquisadora informou que a entrevista teria uma duração em média 40 minutos. Com o aceite do convite a pesquisadora marcou um dia e um local de escolha e conveniência para o participante, zelando pela privacidade e conforto. Foi garantido pela pesquisadora a segurança e que os danos previsíveis seriam evitados, com a análise minuciosa dos riscos e benefícios individuais, atuais ou potenciais, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de riscos. Assim, a realização das entrevistas iniciou no dia 15 de março e finalizou dia 10 de junho de 2022.

Na residência do participante, local de sua própria escolha, no dia e horário programado a pesquisadora facilitou o esclarecimento do conteúdo que constava no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido –T.C.L.E. (APÊNDICE A), este teve duas vias, que depois de tomada ciência, o participante e o pesquisador assinaram e foi entregue uma via para o participante. A outra via foi arquivada com as demais e entregues para a pesquisadora responsável, que guardará sob sua responsabilidade por cinco anos, serão descartadas após este período.

Foi obtido o consentimento de todos os participantes para que o depoimento dado na entrevista fosse gravado em aparelho MP3, com o propósito de que as informações fossem registradas na íntegra, de forma a não perder nenhuma expressão apresentada pelo participante.

A entrevista teve início com a coleta de informações sócio-demográficas com a finalidade de realizar a caracterização dos participantes. Seguida pela entrevista fenomenológica que se deu com o uso de um instrumento norteador (APÊNDICE C), que continha uma pergunta disparadora para o início do depoimento: - “Conte sobre sua experiência sobre o luto vivido pela morte do seu familiar pela COVID-19, durante a Pandemia”.

Vale salientar que Vieira *et al.* (2018) denomina a entrevista fenomenológica, como semi-estrutura, pautada em uma pergunta disparadora e tem característica específica, à qual possibilita uma melhor interação com o outro, permitindo abordagens pessoais, ouvir melhor a fala, observar os gestos, as ações e expressões para resgatarmos o real significado da vivência dos indivíduos. O pesquisador poderá intervir somente se for necessário reconduzir o depoimento para o objetivo da pesquisa.

Acrescenta-se que ancorada nas referências de Raniere e Barrera (2018) a entrevista do tipo fenomenológica tem início a partir de uma questão que guiará o processo de coleta; ou seja, estritamente implicada com o objetivo da pesquisa. Para tal, no decorrer do relato, destaca-se a atenção ao conteúdo relatado por parte do pesquisador, direcionando a entrevista ao conteúdo buscado para elucidar possíveis pontos obscuros durante o depoimento. Busca-se um relato detalhado por parte do participante de forma espontânea, possibilitando o acesso primeiro às experiências e percepções do participante.

Sendo assim, houve a liberdade da manifestação deste tipo de conteúdo subjetivo na entrevista, como também a própria intenção de que assim fosse para que se garantisse o acesso fenomenológico pretendido. As perguntas que surgiram durante a entrevista demonstraram o interesse e a curiosidade da pesquisadora pelo depoimento, não foi possível estipulá-las previamente. Assim como, a pergunta norteadora que constituiu o roteiro da entrevista buscou suscitar no participante a retomada da experiência no momento da entrevista.

A análise dos depoimentos foi realizada concomitantemente à realização das entrevistas com o propósito de suspender as entrevistas ao desvelar o fenômeno

oculto compreendido no vivido de cada familiar que perdeu um parente em decorrência da COVID-19, durante a pandemia.

O processo de análise foi realizado em uma matriz ou tabela, organizada em linhas e colunas no Microsoft Word 2018[®]. A análise dos depoimentos foi realizada por meio do círculo Hermenêutico de Martin Heidegger (2015) composto por três momentos:

- 1) foi realizada a leitura e releitura de cada depoimento em um movimento interpretativo, foram destacadas as características que incluem o Ser na relação familiar, de onde se apreendeu as unidades significativas demonstradas nos depoimentos por meio do qual se desvendou a instância imediata da existência de cada familiar em luto pela perda do parente com óbito pela COVID-19, na pandemia.
- 2) no segundo movimento analítico, buscou-se o desvelamento das revelações ontológicas, que viabilizam o alcance do sentido fenomenológico. Foi realizada a identificação das unidades de significado e dispostas em uma matriz, em seguida foram agrupadas buscando convergências entre elas obtendo as representações essenciais desveladas em torno do fenômeno velado na existência de cada familiar em luto pela perda de um parente com óbito pela COVID-19, durante a pandemia.
- 3) interpretação, transmitindo o fenômeno de acordo com as características e a forma como se desenvolve. Este momento foi realizado em uma terceira matriz, onde as unidades agrupadas de cada familiar foram dispostas na matriz e reagrupadas de acordo com a convergência dos sentidos contidos nos depoimentos dos 10 participantes da pesquisa resultaram quatro categorias temáticas ontológicas, interpretadas com o suporte do referencial teórico filosófico Martin Heidegger, principalmente de sua obra *Ser e Tempo* e nos conceitos de Martin Heidegger. A análise foi realizada por duas pesquisadoras de forma independente e, posteriormente, as unidades de sentido e os temas foram unificados por consenso entre os pesquisadores. O fenômeno desvelado e representado através das categorias foi discutido com base na literatura existente em pesquisas relacionadas.

A fim de, qualificar a qualidade da pesquisa foi aplicado o guia Consolidated Criteria For Reporting Qualitative Research (COREQ), considerando os critérios propostos para a pesquisa de abordagem qualitativa (APÊNDICE C).

2.3 ASPECTOS ÉTICOS CONSIDERADOS

O projeto desta pesquisa foi submetido ao CEP/UFAL, por meio da Plataforma Brasil sendo apreciado e aprovado. A pesquisadora comprometeu-se em respeitar e considerar as Resoluções nº 510/16, e a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde de (CNS) / Comissão Nacional de Ética em Pesquisa CONEP, em todas as etapas da pesquisa.

Foram respeitados e defendidos os direitos humanos nas relações que envolvem todos os processos de pesquisa, assim como, os valores culturais, sociais, morais e religiosos, bem como aos hábitos e costumes dos familiares participantes das pesquisas. Foi garantida a confidencialidade das informações, a privacidade dos familiares participantes e protegida as suas identidades, inclusive do uso de sua imagem e voz, de forma que, em nenhum momento houve a possibilidade de correlação entre os dados e os respectivos participantes da pesquisa. Assim como, foi garantido a não utilização, por parte da pesquisadora, das informações obtidas em pesquisa em prejuízo dos familiares participantes.

Para preservar o anonimato do familiar participante da pesquisa, ao transcrever as entrevistas fenomenológicas, de forma fiel à narrativa, foi assegurado o sigilo das informações através da adoção de pseudônimos (Participante- "P", seguido da numeração ordinal) e com a divulgação dos resultados de forma criteriosa.

A pesquisadora assumiu o compromisso de propiciar assistência a eventuais danos materiais e imateriais, decorrentes da participação na pesquisa, conforme o caso sempre e enquanto necessário. E, garantiu o assentimento ou consentimento dos familiares participantes das pesquisas, esclarecidos sobre seu sentido e implicações.

Os familiares participantes desta pesquisa foram totalmente esclarecidos sobre a finalidade desta, foram garantidos os seus direitos, de se preservarem ou de se recusarem a participar. Foi enfatizado aos familiares sobre a espontaneidade da sua participação, dando-lhes total liberdade para desistirem, não importando a fase em que a pesquisa se encontrasse, não havendo dano ou prejuízo de qualquer ordem.

Foi firmado o compromisso pela pesquisadora, junto ao CEP/UFAL, de que os resultados da presente pesquisa serão divulgados por meio da publicação da dissertação na biblioteca da UFAL, por publicação de artigo científico indexado na área da saúde e enviado para os participantes da pesquisa por meio digital de sua escolha.

3.TECENDO RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 APRESENTANDO OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Dentre os 10 participantes da pesquisa, que vivenciavam o luto pela perda de familiar que foi à óbito pela COVID-19, oito eram do sexo feminino. A faixa etária variou de 27 a 66 anos. Em relação à escolaridade, cinco possuíam ensino superior completo, quatro tinham ensino médio e um participante com ensino fundamental. Referente à religião, quatro declararam-se católicos, cinco evangélicos e um espírita.

Participante 1 (P1): É tão difícil, []. Eu tinha tanta fé que ele voltasse, mas foi engano. É uma doencinha triste.

P1, sexo feminino, 63 anos, viúva, possui ensino fundamental completo, católica, Espírito Santo-RN. Dona de Casa, casada com o esposo que veio a falecer por seis anos. Entre o diagnóstico da COVID-19 e o óbito do esposo, foram 28 dias, dos quais apenas cinco ele passou em casa.

Participante 2 (P2): Imagine a minha impotência, eu vivi o luto de mãe viva, por que eu sabia que a morte dela ia chegar e de um jeito tão triste.

P2, sexo feminino, 58 anos, casada, ensino médio completo, atuação profissional como técnica de enfermagem, católica, natural da cidade de Canguaretama-RN, residindo atualmente em Canguaretama-RN. Perdeu a mãe de 84 anos em decorrência da COVID-19.

Participante 3 (P3): Eu fiquei devastada, não vi meu pai doente e nem cheguei a vê-lo com vida depois da doença [], então de repente, estava morto.

P3, sexo feminino, 35 anos, casada, ensino médio completo, militar da Força Aérea Brasileira, evangélica, natural do Rio de Janeiro-RJ, moradora de Natal-RN. O pai veio a óbito por COVID-19 em março de 2021.

Participante 4 (P4): Ele morria de medo, a nossa família se sacrificou demais para que ele não adoecesse, mas infelizmente não adiantou e ele se foi.

P4, sexo feminino, 56 anos, viúva, ensino superior completo, enfermeira, evangélica, natural da cidade João Pessoa-PB, moradora de Goianinha-RN. Perdeu o esposo em decorrência da COVID-19.

Participante 5 (P5): []. Eu queria ter certeza de que aquilo tinha acontecido com ele, porque ele foi para o hospital e eu não vi mais.

P5, sexo feminino, 34 anos, solteira, ensino superior completo, enfermeira, católica,

João Pessoa-PB, moradora de Natal-RN. Perdeu o noivo em decorrência da COVID-19.

Participante 6 (P6): Foi logo no início da pandemia, aquele pânico geral, foi horrível. Todos os dias eu pedia a Deus conforto e tentava entender esse propósito.

P6, sexo masculino, 31 anos, solteiro, ensino médio completo, atuação profissional como coordenador cultural, católico, natural de São José de Mipibu, morador de São José de Mipibu. Perdeu a mãe em decorrência da COVID-19.

Participante 7 (P7): Eu chorei tanto, mas tanto. Perder alguém querido assim, sem esperar, para uma doença sem explicação é desolador.

P7, sexo feminino, 27 anos, solteira, ensino superior completo, assistente social, católica, natural de Maceió- AL, moradora de Maceió-AL. Perdeu o tio, que morava na mesma residência que ela, em decorrência da COVID-19.

Participante 8 (P8): Minha companheira não estaria mais comigo, meu amor. [] o amor da minha vida foi embora, minha esposa que me fazia tão feliz, se foi.

P8, sexo masculino, 66 anos, viúvo, ensino superior completo, servidor público aposentado, católico, natural de Brasília- DF, morador de Maceió - AL. Com um casamento de 32 anos, perdeu a esposa, em decorrência da COVID-19.

Participante 9 (P9): De repente a enfermeira veio com uma sacolinha com os pertences dele. Eu fiquei tão em choque que eu nem chorei.

P9, sexo feminino, 45 anos, casada, ensino superior completo, autônoma, espírita, natural de Brasília- DF, moradora de Maceió - AL. Perdeu o pai de 71 anos em decorrência da COVID-19. Há sete anos o pai havia se mudado para Maceió para morar mais perto da filha.

Participante 10 (P10): Ver a dor da minha mãe ao perder um filho, essa não é a ordem natural das coisas. Eu não acreditava, só sofria.

P9, sexo feminino, 36 anos, casada, ensino superior completo, autônoma, católica, natural de Maceió - AL, moradora de Maceió - AL. Perdeu o irmão de 29 anos em decorrência da COVID-19.

3.2 COMPREENDENDO O FENÔMENO VELADO NA EXISTÊNCIA DOS FAMILIARES EM LUTO PELA PERDA DE UM PARENTE COM ÓBITO PELA COVID-19, DURANTE A PANDEMIA

A ontologia fundamental de Martin Heidegger proporcionou um caminho com diversas possibilidades para desvelar e compreender o fenômeno vivido pelo familiar

enlutado, ao perder um ente em decorrência da COVID-19. A imersão necessária para desnudar tal fenômeno, foi possibilitada pela análise existencial a partir do método fenomenológico, o qual, Heidegger considera o único meio possível para o esclarecimento e interpretação dos fenômenos da existência. Com o apoio teórico-filosófico de Heidegger foram extraídas temáticas ontológicas de acordo com os traços fundamentais característicos do ser, através do agrupamento de unidades de sentido extraídas dos discursos obtidos, aos quais denomina de *existenciais*.

Figura 3- categorias temáticas ontológicas



Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022).

3.2.1 Temática Ontológica 1: *Ser-no-mundo* em luto velado durante a pandemia por COVID-19

O primeiro existencial é o *ser-no-mundo*, *mundo* no que se refere a “tudo”: círculo de conhecimentos, afetos, interesses, desejos, preocupações, ou seja, o ser está sempre em relação com algo ou com alguém. Heidegger afirma que o homem é sempre um *ser-no-mundo*, ou seja, um *ser-em-situação*. Porém, que ele não está

preso à situação em que se encontra; mas sim, sempre aberto para tornar-se algo novo.

Para o desvelar dos fenômenos da existência dos familiares em luto pela perda de parentes queridos com óbito pela COVID-19, durante a pandemia, faz-se necessário trazer uma explanação sobre o luto vivido no contexto característico de um tempo pandêmico, o qual foi marcado pelo isolamento e privação do convívio social.

A morte de um familiar é considerada o mais poderoso estressor na vida cotidiana, trazendo aos indivíduos enlutados um risco de resultados adversos de saúde mental e física. Como uma pessoa lida com a morte de um familiar querido e significativo é influenciada por personalidade e estilo de enfrentamento, a relação com o falecido e as circunstâncias da morte (MORRIS; MOMENT; THOMAS, 2020).

Em uma pandemia, a morte é um evento mais próximo e súbito do que em padrões rotineiros, o que é considerado fator complicador para um luto normal, o que pode ocasionar transtornos psicológicos importantes naqueles que vivenciaram suas perdas com esse perfil, pois a elaboração do luto é atravessada por desdobramentos que potencializam o surgimento de sofrimentos mais duradouros (BRASIL, 2020).

A COVID-19, fez com que as mortes passassem a ser mais frequentes do que estamos acostumados a lidar, ocorrendo de forma abrupta e demandando comportamentos díspares do que aqueles que as culturas estão familiarizadas. Devido ao isolamento, a presença junto ao paciente infectado e os ritos de despedida, ações integrantes do processo de luto não podem ser realizadas por seus entes queridos como habitualmente o fazem (CARDOSO *et al.*, 2020).

Ser-no-mundo manifesta-se como uma das características do *Ser-aí* na fenomenologia existencial, considerando que o familiar enlutado habita e convive neste mundo da pandemia, mantendo-se consciente e relacionando-se com ele e seus elementos, como as pessoas, os objetos e a cultura. Desta forma estabeleceu relações e se constitui neste mundo da pandemia. Enquanto, *ser-no-mundo* experimenta a vida em um espaço e em um tempo específico, sendo sempre um Ser em situação, e essa situação envolve condições que permearão seu modo de existir, pois a referências que recebe a sua existência e seu modo de ser (HEIDEGGER, 2015)

Heidegger (2015) ainda refere que o encontro com o conjunto instrumental do mundo circundante não é algo acrescentado pelo próprio entendimento, mas mediado

por sua comum disposição no mundo. Sendo o mundo sempre “*meu mundo*”, o encontrar-se com os outros se torna indispensável.

Partindo desse pensamento existencialista, o *Ser-no-mundo* na pandemia, enquanto familiar que vivenciou o luto em decorrência da perda do seu parente que foi a óbito pela COVID-19, experimenta a *angústia* trazida por uma morte que nem sempre foi possível ser materializada. Pois, a pandemia lhes negou a possibilidade do cuidado ao familiar adoecido, de rituais funerários de despedida, de contatos físicos, de poder receber visitas e apoio.

A ausência do acolhimento e validação das emoções suscitou um luto velado, silencioso, que por diversas vezes aboliu os padrões comuns da sociedade durante os tempos difíceis, vividos no decorrer da pandemia. A COVID-19 instalou-se na como uma doença devastadora que dizimou milhões de pessoas ao redor do mundo. Por hora desconhecida, impossibilitou o convívio do familiar com seus parentes acometidos por ela, não só pelas características próprias da doença que exigiam isolamento, mas também pela dificuldade em se fornecer uma assistência adequada devido às condições saturadas dos sistemas de saúde.

O afastamento dos familiares doentes por COVID-19, que já estavam internados em decorrência da doença, despontou nas falas como um agravamento ao processo de luto, visto que, tornou-se mais difícil aceitar o processo de morte do familiar, sem poder acompanhar presencialmente um parente em momento tão difícil.

No dia que ele saiu de casa para se internar, eu não achei que não fosse mais vê-lo vivo. Eu queria muito ter ficado com ele no hospital, segurar a mão, confortar, dói muito não poder ter feito isso (choro). (P7)

Eu não conseguia chorar. Eu queria dar um apoio para esposa dele, mas eu tentava e estava sem chão. (P9)

Eu fiquei sem acreditar, sem acreditar. Já bateu o pânico. Não entrava na minha cabeça. Eu não aceitava. Eu tropeçava, parecia que estava faltando um pedaço de mim. Eu me sentia incapaz sem ele (choro). Ele foi para o hospital e já voltou morto. Angustiava-me demais não ter visto ele. (P4)

A fala da P4, em especial, chama bastante atenção, pois foi uma pessoa que durante a entrevista demonstrou um profundo sofrimento, chorou bastante, levava as mãos à cabeça e revelou, possivelmente, que ainda vivencia um processo de luto, por não conseguir aceitar a perda de seu familiar. Seu discurso e seus gestos podem

denunciar um comportamento de negação da morte, conforme demonstra também no trecho a seguir:

Faz quatro meses que ele faleceu. A gente fica assim querendo compensar com algo, mas com o quê? Eu estou de luto, eu não consigo aceitar isso, não consigo. (P4)

Em períodos pandêmicos a incerteza e a possibilidade de morte podem levar ao luto antecipado, diante daqueles que estão em fim de vida pelo estado grave da doença. O sofrimento é experimentado ainda sem mortes concretas, mas por medo, pelo afastamento do ser que lhe é querido e por conhecimento de outras famílias afetadas (ALVES *et al.*, 2021). Fustinoni e Caniato (2019) apresentam que a premissa básica para a elaboração do luto é que ele esteja desimpedido, livre para ser vivido por meio de rituais fúnebres e de comprovação da morte.

A complexidade ou até mesmo a ausência da realização de rituais funerários durante a pandemia de COVID-19, irrompeu como um fator que dificultou a experiência do luto ao analisarmos os depoimentos dos familiares, gerando mais angústia e sofrimento, pois sentiram que lhes foi tirado algo que lhes era de direito, causando uma desorganização do luto.

A gente ainda fez um pequeno cortejo para ele, só eu consegui entrar no cemitério, ver enterrando, eu precisava tá ali, eu sei que quando morremos só fica o corpo ali, mas eu queria fazer essas honras, uma pessoa que você ama, e a gente não ter esse direito por causa da COVID. (P5)

O que mais afetou dessa COVID foi o sepultamento, de não poder se despedir, ela foi enrolada em um saco e pronto, como se tivessem nojo, foi muito difícil. No enterro, de caixão fechado, eu só pude ir até a porta do cemitério, isso impactou demais, a mala do carro que levava o caixão, e eu só ter aquilo, com uma distância de mais de 1 metro, foi doloroso. Eu não ver o corpo dela, passava pela minha cabeça se era verdade mesmo. (P6)

Eu não vi o corpo dele. Nem no hospital, nem depois porque não teve velório, tudo foi rápido e com caixão fechado, então eu sinto como se tivesse faltando algo, me tiraram o direito de honrá-lo, de fazer as homenagens, isso pesou muito porque ele sempre dizia que quando morresse queria um enterro bonito, brincava que queria ir de terno, com tudo que merecia. E nós devíamos isso a ele. (P10)

Com muito custo, muita conversa com o psicólogo, liberaram para gente ver o corpo dele, mas dentro do saco, e quando eu vi meu pai ali dentro daquele saco, eu ainda não acreditava, eu olhava aquilo ali e pensava que era um boneco, que não era verdade. Eu passava a

mão no saco, fazia carinho, mas eu não chorava, por eu era como se aquilo fosse um filme. E saímos dali e fomos direto para o cemitério, caixão lacrado, sem despedida, quando eu acompanhava o caixão indo para gaveta, eu pensava que não era ele que estava ali, que ele estava em casa. (P9)

No século XVIII os rituais funerários, em sociedades ocidentais cristãs passaram a ser de responsabilidade da família e com isso despontou a necessidade de uma maior reflexão em relação à morte e ao luto, já que o cuidado do corpo também passou a ser de responsabilidade dos familiares (FUSTINONI; CANIATO, 2019).

Os rituais funerários fazem parte do modo de funcionamento de uma sociedade e de como esta lida com a ideia da morte (SOUZA; SOUZA, 2019). Ao assumir um papel importante no comportamento social, o funeral permite a demonstração e o compartilhamento do sofrimento, sendo visto como a ocasião para expressar, sentir e demonstrar a tristeza e também a importância dos vínculos familiares (WALTER; BAILEY, 2018).

Freud (2010) apontou que o luto para ser elaborado, necessita do teste de realidade, pois a morte é representada pelo Ser que a vivência através da morte do outro por meio da presença do corpo morto, percebendo assim a materialidade da situação, e que o ritual fúnebre foi o meio pelo qual a nossa psique aprendeu a lidar com as grandes emoções que envolvem essa perda. Na cultura brasileira, os ritos de passagem presentes nos rituais de despedida são tão naturais no cotidiano que, mesmo de forma justificada, suas suspensões trazem incredulidade e sofrimento (CARDOSO *et al.*, 2020)

Giamatney *et al.* (2022) abordam que os ritos fúnebres coincidem com a fase inicial do luto e são espaços potentes para a elaboração da perda, contribuindo para o bem-estar psíquico, ao auxiliar na organização psíquica da vida sem o parente querido, permitindo também, de acordo com sua organização, que a despedida seja feita de forma conjunta com todos os que estabeleceram algum tipo de vínculo afetivo com o falecido.

Assumindo a ótica fenomenológica existencial de Martin Heidegger, na qual o ser com os outros é um dos modos característicos do homem, ao extrapolarmos nossa individualidade e compormos a conjuntura da qual fazemos parte, percebemos nos discursos, que estar de luto no mundo da pandemia trouxe aos familiares um sentimento de decadência, que na filosofia heideggeriana, refere-se ao fato de se sentirem decaídos do mundo de suas ocupações para com o ser que se foi, pois a

morte do outro não lhes permite o processo de substituição que muitas vezes lhe é próprio.

Em nossos papéis sociais, entendemos que nossos deveres com nossos familiares não terminam com a morte deles, pelo contrário, este evento gera uma série de comportamentos e ações que devem ser desempenhados, o que permite um alongamento do “convívio” com o ser que se foi, o que pode facilitar a elaboração da perda (DANTAS *et al.*, 2020).

Heidegger (2015) afirma também que a experiência do fenômeno ontológico da morte, da passagem do *Dasein* que é vida para o não-ser-mais presente, só pode ser vivida através da morte dos outros. Em sentido genuíno, não fazemos a experiência da morte dos outros, estamos apenas juntos, tão pouco podemos assumir a morte do outro, mas o estar junto, participar deste evento acarreta sentimentos deveras penosos ao ser que o vive.

Ao mesmo tempo em que o *Dasein* é *ser-no-mundo*, ele é também *ser-com-os-outros*, mantendo uma relação, tanto consigo quanto com outros entes e com o mundo. Ainda que não deseje, o *Dasein* mantém-se em relação com o outro e as ações do outro, ou o que lhe acontece, sempre refletirá sobre os outros *Daseins*. *Ser-no-mundo* é constituição essencial do *Dasein*, faz parte de sua essência (HEIDEGGER, 2015).

Dantas *et al.* (2020), em pesquisa que aborda o luto e as dificuldades de cuidado durante a pandemia, referem que, uma das consequências trazidas pelo contexto da pandemia de COVID-19 é o sentimento de culpa carregado pelos familiares dos falecidos, e que este sentimento desponta como uma fonte adicional de sofrimento, raiva e revolta, voltando-se contra o próprio enlutado. Morris, Moment e Thomas (2020) corroboram com este pensamento ao trazerem que sentimentos intensos de culpa dificultam a elaboração do luto e tendem a complicar a sua evolução. Os familiares mencionaram como desencadeadores de sofrimento a impossibilidade de oferecer apoio ao ente familiar, como podemos atestar nos trechos apresentados a seguir:

E pós o falecimento, o que me doeu demais foi não estar junto, aquilo distante sabe? Ela doente, piorando e eu sem poder estar ali, sem poder fazer mais. Me sinto em dívida, mesmo sabendo que não foi por minha culpa, mas deixa tudo pior. O que mais afetou dessa COVID é isso, esse isolamento. (P6)

Mas o que me deixou triste mesmo foi eu achar, acho até agora que eu poderia ter feito mais. Como profissional, como filha, poderia ter ido vê-la mais cedo quando ela adoeceu, para identificar logo o estado dela, mas eu também estava com outras pessoas doentes, meu filho, mas isso me pesa muito. (P2)

Às vezes penso que pode ter sido providência de Deus, porque talvez eu só piorasse a situação, sabendo que não poderia fazer nada e quando ele foi para UTI ele disse que não queria ser transferido, e eu pedi para ele confiar em mim, e ele disse que confiava e ele morrer, para mim foi... nem tenho palavras, a sensação de culpa que eu carrego, parece que eu não dei apoio, não estive lá para ele, é horrível. (P4).

O familiar como *ser-no-mundo* para a morte padece diante da constatação da finitude de seu familiar na experiência de estar no mundo de uma pandemia, vivenciando a morte de alguém que lhe é querido e que até então, não sofria de tão grave ameaça.

A certeza da morte gera no ser muitas sensações, especialmente uma que faz com que o ser reflita sobre suas convicções: a sensação de que não viveu intensamente, e de que poderia ter feito mais, outras coisas, deveria ter tido outras experiências. Esta percepção da vida, atrelada ao processo de luto, faz emergir sentimento de culpa e estresse, além de medo, ansiedade, angústia.

Assim, o Dasein se vê como decadente. Enquanto decadente ele busca a todo o momento fugir de si mesmo, fugir da morte, mas a cotidianidade do Dasein mostra que ele está se determinando como ser-para-a-morte.

Eu fiquei sem acreditar, sem acreditar. Já bateu o pânico. Fiz teste em mim e nas meninas e tudo negativo. Não entrava na minha cabeça. Eu não aceitava. Você ter aquela certeza de que a qualquer momento a pessoa pode morrer, sem esperança, é horrível, horrível, horrível. Naquela noite mesmo ele foi transferido e eu não pude mais ver, cuidar dele. Eu cuidava muito dele. (P4)

A gente não aceitava de jeito nenhum que uma pessoa de 29 anos pudesse morrer assim. Eu às vezes ria, sabe aquele riso de desespero? Eu ria e dizia 'não, é impossível ele morrer de uma hora para outra'. E eu só acreditei quando levamos o corpo dele para o cemitério. (P10)

A morte pode gerar situações de negação, é um processo marcado pela dor e sofrimento. Diante deste entendimento, os discursos dos familiares P4 e P10 evidenciaram que a possibilidade da morte do marido e irmão, respectivamente, lhes

era algo tão aterrador, que elas negaram até o último momento a finitude dos familiares.

Geralmente, a contaminação de um familiar pela COVID-19 é acompanhada de surpresa, perplexidade e medo, o que agrava o sofrimento devido à quebra da ideia de ser invulnerável. Essa ideia é produto de uma crença irracional de que o mal só abate a vida dos outros (NASCIMENTO, 2020).

Para Heidegger (2015), a *angústia* produz o efeito contrário ao medo. Embora ambos sejam disposições fundamentais do ser, essa abre a inospitalidade do mundo, abre o ser para a compreensão do morrer, do entendimento da singularidade do ser. A *angústia* convoca o ser a viver na propriedade, ou seja, na possibilidade de ser, pondo a nossa identidade à prova porque quando o mundo perde o seu significado, resta-nos a responsabilidade de atribuir-lhe um novo.

A *angústia* desencadeada por uma doença que ameaça a todos, indistintamente, aparta os indivíduos do sentimento ilusório de ter controle onipotente sobre a vida, se dissipa e cai por terra o mito de suposta invulnerabilidade (SILVA; SANTOS; OLIVEIRA-CARDOSO, 2019).

A *angústia* é a estrutura fundamental que, além de permitir ao Dasein assumir sua autenticidade, promove a aproximação da compreensão da sua finitude (Heidegger, 2015). O *ser-para-a-morte* é essencialmente angústia e somente através da angústia o homem encontra o próprio ser, por isso a mesma deve ser entendida como um sentimento de redenção, pois o angustiado ignora as trivialidades mundanas, sendo totalizada, preenchendo todo o pensar e agir do ser-aí.

Sendo a *angústia* fator fundamental, pois permite ao *Dasein* libertar-se do peso que lhe é imposto cotidianamente, é através da angústia, que o Ser é remetido para a liberdade e responsabilidade, podendo projetar-se para novas escolhas. Destarte, a *angústia* é totalmente fundamental para a compreensão do homem. Assim, no âmbito da fenomenologia, a angústia, além de fenômeno *ôntico* e psicológico, possui uma dimensão capaz de remeter à totalidade da existência do Ser como um *Ser-no-mundo*. Enquanto isso, a morte é a possibilidade mais própria, absoluta, certa e como tal indeterminada, inultrapassável do *Ser-aí*, que passa a perceber-se como um *Ser-para-a-morte* (HEIDEGGER, 2015).

O reconhecimento de que a morte se fez presente, faz com que os familiares enfrentem uma nova realidade. A experiência que se vive com a morte, sempre procede da experiência da morte do outro, o que nos relembra da nossa condição de

ser-para-a-morte, o que para Heidegger, nos torna autênticos, ao passo que o *Dasein* atesta a originária abertura angustiante da própria morte.

3.2 2 Temática Ontológica 2: Transcendendo o *estar-em-luto* sem seu parente que foi a óbito pela COVID-19

O segundo *Existencial* é a *Ex-sistência* como "essência" do *ser-aí*, Heidegger chama *existência* a esta característica do homem de ser fora de si, diante de si, por seus ideais, por seus planos, por suas possibilidades".

Para Heidegger (2015) a *existência* pela característica do *homem* que é denominada *transcendência*. O *ser-ai* se projeta para além do que é diante do mundo, por ser um ser dinâmico ao pensar no futuro e preocupar-se com o que acontece consigo, escolhe as possibilidade, se antecipa e supera o presente. Ou seja, ao consegue transcender o que é a cada momento. A natureza do familiar enlutado, ou seja, sua *essência*, consiste na sua *existência* e esta precede e determina esta *essência*.

Na premissa de Heidegger, a *existência autêntica* é a preocupação do familiar enlutado com *si-mesmo*, e o sentido da preocupação é a *temporalidade*. Ela que mantém o entendimento da unidade da *estrutura-da-preocupação*, compreendida como *existência*, *factualidade* e *decair*.

A transcendência, em sentido heideggeriano, tal como expresso em *Sobre a Essência do Fundamento*:

[...] refere-se àquilo que é próprio do *ser-aí* humano e isto não, por certo, como um modo de comportamento entre outros possíveis de vez em quando posto em exercício, mas como constituição formal deste ente, que acontece antes de qualquer comportamento. Não há dúvida, o *ser-aí* humano, enquanto existe "espacialmente", possui, entre outras possibilidades, também a de ultrapassar um precipício. A transcendência, contudo, é a ultrapassagem que possibilita algo tal como *existência* em geral e, por conseguinte, também um movimentar-"se"-no-espaço (HEIDEGGER, 1979b, p. 104).

Transcendência (ultrapassagem) não é mero comportamento *ôntico*, mas a constituição ontológica do *ser-aí*. Ultrapassar não é mais um comportamento possível a um homem imerso em um mundo local, mas a constituição fundamental de seu ser enquanto *ser-aí*; é o modo como ele acontece, o que possibilita e determina todo e qualquer comportamento *ôntico* (HEIDEGGER, 2015).

Pensar a morte enquanto perda, principalmente quando se tratam de pessoas queridas, suscita sofrimento e dor diante da impossibilidade de se fazer alguma intervenção. A ausência do familiar poderá levar a família à solidão existencial, em que todos os artifícios e estratégias serão ineficazes para dissipá-la; assim, a família sente-se completamente perdida e desvalida durante o processo de enfrentamento do luto.

Eu já perdi outras pessoas na minha vida, meu primeiro marido faleceu tem 14 anos, de cirrose, mas ele vinha adoecendo, adoecendo e parece que eu aceitei mais fácil. Eu gostei muito do meu primeiro marido, mas desse era mais. A gente era muito companheiro e eu fiquei perdida sem ele. Eu nem queria comer. Passava o dia deitada ou ia para casa da minha filha conversar, para ver se o tempo passava. Nem a televisão eu queria ligar, pois só passava coisa de COVID. Eu demorei a ter rumo de novo. (P1)

Nos primeiros dias a gente ficou meio desorientado, minha mãe ainda colocava a xícara para ele tomar café com a gente, aí ficava aquela tristeza no coração, por saber que não tinha mais ele ali. (P7)

Eu ainda não me acostumei a não conversar com meu pai, nos falávamos todo dia e eu meio que fico sem saber o que fazer, ainda está sendo muito difícil para todos nós, eu longe sem poder dar apoio para minha mãe e minha irmã. Meu pai era quem organizava tudo em casa, minha mãe contava com ele para tudo e ela ficou sem chão. (P3)

Eu fiquei como um desamparado. Acabei saindo da casa dos meus pais, por que ali tudo me lembrava ela, sei que qualquer canto vai me lembrar, mas aquela casa era ela, tudo lembra ela. E eu isolado em casa, porque além de não ter capacidade psicológica as pessoas não se aproximavam com medo de pegar COVID. Foi horrível tudo isso. Era uma tortura. (P6)

Assim, eu assumi a responsabilidade de cuidar deles, e tem mais, viu? Ninguém se aproxima da casa, com medo. Você fica sem assistência, isolada, e assim o que falar? As pessoas têm medo de morrer, de colocar a vida em risco. E para mim, assim, não foi difícil, é difícil. É tudo tão escuro ainda. Tudo difícil. É tudo cinza. Eu ainda nem consigo fazer projetos. Foi uma coisa que uma avalanche levou tudo, a sensação é como se eu estivesse chegando em um lugar e de repente tivesse um muro e eu tivesse que voltar tudo de novo, e eu tive que retroagir minha vida inteira para viver o meu hoje, é como se minha vida tivesse sido interrompida, muitas coisas na minha foram interrompidas, e me sinto impotente, todos os dias eu quero que aquilo não tivesse acontecido. (P5)

Sob este ângulo do *ser-enlutado*, demonstrado nas falas do P5 e P6 morte dos familiares trouxe consequências para suas vidas, desestabilizando-os, tendo em vista a convivência por longo tempo, as afinidades e os projetos criados juntos, que agora

não conseguem ser mantidos, criando profundas mudanças em quem ficou. Ressalta-se aqui o quanto é difícil para os familiares aceitarem este processo de morte/morrer, considerando que a morte de um membro da família provoca intensa reação para o indivíduo enlutado e para o sistema familiar.

Como *Seres* marcados pela finitude, a morte sempre atravessa o nosso caminho, como ameaça seja da morte de si mesmo, seja da do outro (MEDEIROS *et al.*, 2019). Durante a experiência do processo de luto, é comum que familiares identifiquem solidão, sentimento de vazio, tristeza e lembranças doloridas, que reflitam sobre a necessidade que sentiram de receber conforto e de alguém para dar apoio, e de como esse comportamento faz parte do compreender a perda e encontrar forças para enfrentar o por vir (ACIOLE; BERGAMO, 2019).

A repercussão que a morte causa na vida familiar é levada por toda a vida. Ao perder um alguém que se ama e vivenciar o processo de luto, o ser guarda na memória a imagem deste e a revisita sempre que se depara com uma situação parecida com aquela da sua perda. O *ser-familiar*, nesta pesquisa, revelou a morte e as repercussões do luto, como ainda uma presença em sua vida. A perda do familiar em decorrência da COVID-19, é lembrada por ele como fatalidade, injustiça, como algo que não deveria ter acontecido naquele momento, mesmo que não saiba definir qual seria então o melhor momento para este acontecimento, quando ele seria menos doloroso.

Eu não me conformo com essa doença. A gente se cuidou muito para não pegar, ele se cuidava demais para não se contaminar e é isso que me revolta, não ter adiantado de nada. Essa doença não é boa não. (P1)

Eu perdi minha mãe, mas ela já vinha com sintomas, já vinha adoentada. Mas a dele foi pior pela COVID, porque eu adoeci primeiro e nós estávamos sendo tratados. O antibiótico que eu estava tomando ele estava tomando, todas as medicações, eu fiquei mais comprometida do que ele, e a gente se falava todos os dias, então assim eu achava que jamais ia acontecer uma coisa como essa. Nós tínhamos sonhos, ele faleceu dia 05 de fevereiro, a gente achando que ia casar em março, tudo programado, tudo bonitinho. (P5)

Sabe as pessoas que perdem alguém por acidente ou por que mataram? Pronto, eu me sinto assim. Parece que mataram ele, que não foi uma doença. Porque foi tudo tão rápido, uma pessoa jovem, de repente, é algo que a gente não se conforma de jeito nenhum. Tem sempre aquele “por quê”. (P10)

Ao nos depararmos com as falas dos participantes, notamos que o processo de transcender o luto torna-se mais dificultoso pelas circunstâncias que permearam a morte de seus familiares. O fato de a morte ter se dado de forma repentina, por uma doença surgida a pouco, não permite que o ser-aí se dissocie da sua condição de ser-em-luto, ou seja, não se trata da representação que o ser traz consigo do processo de luto, justamente porque não há dois “algos”, ser e luto, mas sim um ser que já está previamente junto ao luto, indissociável até então. O decisivo na clarificação de transcendência é a compreensão de que ser-aí não é um Ser separado do objeto, que existe independente dele (HEIDEGGER, 2015).

Ninguém fica preparado para perder um parente. O luto pode produzir uma tristeza profunda que não pode ser aliviada, porque além da morte ser irreversível, ela é factual, a separação definitiva entre o parente querido falecido e os sobreviventes. O enlutado fica perdido diante da dor que desestrutura, necessitando de uma reorganização e reelaboração a uma nova realidade (SUNDE; SUNDE, 2020).

As mortes que não se esperam podem trazer lutos complicados manifestados por sintomas físicos e mentais que fortemente propiciam a negação e a repressão da dor pela perda. Os sobreviventes encontram-se incapazes, pressionados pela sociedade a se controlar, não manifestar suas tristezas, e, por consequência, se sentem solitários, frágeis e depressivos (SCOPEL; CONTE, 2022).

Eu estou de luto. Não sei quando vou sair. Tento não ser fraca pelas minhas filhas, mas não consigo (P4)

É um vazio muito grande, uma solidão. Na minha velhice me vi só, um abandonado. Tenho filhos mas não é a mesma coisa, cada um tem sua casa, quem dividia a vida comigo era ela. Minha filha diz para eu não ficar triste, levantar a cabeça, às vezes finjo que estou bem para ela não se preocupar. (P8)

Em momentos de perda de um ser querido, a sutilidade passa a ser a forma mais coerente de manifestação desse sofrimento, pois dentro de uma perspectiva sócio histórica espera-se demonstração de força e superação rápida de perdas, com o intuito de demonstrar força e parecer sempre bem diante da sociedade (ROCHA; FÔNSECA; SALES, 2019)

Busa, Silva e Rocha (2019) afirmam que é importante que as vivências relativas à morte sejam elaboradas e que permitam ao Ser processos de ressignificação da vida e, conseqüentemente, rearticulação de projetos, pois o processo de luto evoca

sentimentos fortes e ambivalentes, sendo necessário tempo e espaço para a sua elaboração, visto que a ocorrência da perda de uma pessoa significativa potencializa a desorganização, as ações do cotidiano ficam tingidas por essa situação.

Lobianco e Costa-Moura (2020) discorrem que, ao passarmos por experiências tristes com nossos conhecidos e amigos diretos e quando vemos a vida cotidiana, o estilo de vida, os hábitos, os costumes e as relações completamente mudadas e ameaçadas em sua própria existência, como no caso da pandemia de COVID-19, a maneira como tratamos a morte na vida muda inteiramente.

Em Heidegger, a transcendência só é possível quando a presença, lançada à angústia, põe em suspensão o modo de ser da cotidianidade mediana. Compreendendo-se enquanto poder ser todo, a presença, no caso a presença da morte de um ser querido, anteciparia também a possibilidade do morrer, que configura justamente o momento de maior singularização e autenticidade da presença (MANDATO E MORAES, 2020).

A partir da angústia vivida durante o processo de luto pela perda de seu familiar, o ser será capaz de transcender esse processo, pois o Dasein já está sempre 'além de si', não como comportamento, mas como o poder-ser que ele mesmo é. Limitado pela morte, o ser-aí não pode experimentar seu ser-um-todo; porém, constituído pelo ser-com-os-outros, pode compreender a morte a partir da morte do outro (HEIDEGGER, 2015).

No decorrer da vivência do luto, o familiar vai se aproximando cada vez mais do entendimento de que é um ser-para-a-morte, cada ser-aí vai assumindo essa realidade por si mesmo, verificando que ela é a possibilidade mais própria que permite ao ser antecipar seu futuro, como se pode perceber nas falas de P7 e P4.

Ainda bate aquela coisinha, tem dias que mais forte. Mas o tempo faz a gente aceitar e entender que esse é o caminho de todos nós (P7)

Eu sei que o mundo caminha, mas a dor ainda permanece. Mas eu procuro aceitar e entender que tinha que ser assim. Um dia eu também irei. (P4)

Para transcender, o homem já precisa estar ligado a algo em relação ao qual pode ir além, precisa ter uma estrutura que o receba em seu ultrapassar, não pode abrir mão das condições essenciais que o constituem. O ser-aí é capaz de se descobrir transcendente não porque sai de si, mas porque já está sempre no mundo e o mundo já está sempre aberto para o ser-aí (HEIDEGGER, 2015).

3.2.3 Temática ontológica 3: Temporalidade do luto vivido pelos familiares durante a pandemia

O terceiro *existencial* que Heidegger identifica é a *temporalidade*, "aquilo-em-relação-a-quê", consiste no entendimento do *Ser* do *Dasein*, ou seja, a *existência*, pode ser estabelecido em seu sentido *autêntico* ou *inautêntico*.

Logo, *temporalidade* significa o que passa com o tempo, no decurso deste tempo, mas não o tempo em si. Para Heidegger (2015) a situação *existencial* é inseparável da *temporalidade*; neste caso o familiar enlutado só existe porque está essencialmente ligado ao tempo. Pois o existir para o familiar enlutado consiste em construir o futuro. Para Abraão (2004) é isto que distingue o homem dos entes, que são prisioneiros do presente".

A *temporalidade* une a *essência* com a *existência*, une os sentidos do *existir-no-mundo*. Logo; é o que torna possível a unidade da *existência*, constituindo assim a totalidade das estruturas do homem. E, consiste muito mais do que uma soma de momentos, mas uma compreensão, no sentido mais amplo, do passado, do presente, e do futuro. É isto que faz com que o homem, segundo Mondin (1977).

Logo, o familiar enlutado não repousa no *Ser*, mas se encontra sempre além de si mesmo, nas suas possibilidades futuras. Uma vez que é o único *ente* possibilitado de realizar uma união consciente entre o que já foi e o que é ou será, vislumbrando a possibilidade de "recomeçar" ou "reconstruir" sua vida.

Para Heidegger (2015) viver o presente é um misto de retomada do passado e de antecipação do futuro. Afirma ainda, que existir é o mesmo que temporalizar-se, uma vez que o *Ser*, enquanto presença / *existência*, é determinado pelo tempo; e que este é também determinado através de um *Ser*.

Esta categoria constrói-se embasada no tempo que cada familiar enlutado dimensiona seu luto, não sendo este tempo o cronológico com o qual estamos acostumados a lidar, mas sim o tempo de *estar-em-luto* pela pessoa falecida.

Em Heidegger, a *temporalidade* (*Zeitlichkeit*) se apresenta como o sentido do ser do *Dasein*, que transcende a ele, pois a partir do momento que o *Ser* entende autenticamente sua *existência*, já está fazendo uso da *temporalidade*.

A elaboração do processo de luto para os familiares faz-se essencial para o reequilíbrio da vida. No decorrer deste processo, o passado tem primazia e influência no presente e futuro deles. Mesmo sem a presença física do parente, uma nova forma

do familiar se relacionar com ele emerge. O Ser que se foi pode continuar presente, o *ser-aí-familiar* continua a senti-lo, a escutá-lo e a sonhar com ele, deste modo, o ente querido que foi a óbito pela COVID-19 continua a existir enquanto presença.

Eu agora vou à casa do meu pai para cuidar dele e sinto a presença dela. Olho para tudo que ela gostava e para o que ela fazia. Às vezes escuto até o barulho das panelas que ela fazia, é como se ela estivesse ali. (P2)

É horrível dormir só, tirar as roupas para doar, os utensílios, às vezes eu falo que vou fazer o prato dele, esqueço que ele não tá mais aqui. Escuto a voz dele dentro de casa, a risada. (P4)

Parece que é mentira ainda. Eu vivo como se ele estivesse na casa dele. Eu tenho a sensação de que ele tá lá no cantinho dele, ou que ele viajou para Brasília, isso já com 11 meses que ele se foi. Não é como se a presença dele não existisse mais. (P9)

Inclusive eu sonho toda noite com ele vivo, vivendo tudo de novo. (P5)

Claro que tudo eu me lembro dela, se faço comida, se uso roupa que ela fez para mim. A criança que eu adotei gosta das mesmas coisas que ela, é incrível, parece que ela está aqui o tempo todo. (P6)

Se desfazer dos pertences apareceu como uma dificuldade significativa para alguns familiares, somado a isso, estive a dificuldade de lidar com a ausência do falecido na dinâmica familiar e não mais compartilhar experiências com ele.

Cruz e Schiebelbein (2021) nos remetem a ideia de que o luto é bem mais do que um processo intrapessoal progressivo no sentido da recuperação, pois a resposta que se dará a perda não é apenas um evento, como algo que acontece de forma pontual, mas sim todo um processo que vai acontecendo ao longo do tempo e que pode não caminhar de forma linear até sua superação, pois o vínculo afetivo com o familiar que faleceu é mantido.

Do mesmo modo, Birgisdóttir *et al.* (2019) afirmam que, após um evento dessa magnitude é necessária uma reorganização na dinâmica familiar dos sobreviventes, o que levará tempo para que se concretize, pois, a coesão familiar muda e é afetada por estressores situacionais que surgem com a ausência do familiar que se foi. Para além disso, Sunde e Sunde (2020) declaram que a morte de uma pessoa da família deixa sempre um vazio que nem sempre se preenche e que a dor e sofrimento podem tomar conta dos sobreviventes durante um tempo indeterminável.

Em seu mundo, que agora é marcado pela morte de um ser que é querido, o familiar enlutado sente a falta deste no passado, no presente e já compreende e

antecipa que sentirá no futuro, pois o *Dasein* não vive o tempo, ele é o tempo, e vida e mortes estão para o *ser-no-mundo* em temporalidade, não sendo partes do existir do ser, mas sim uma condição intrínseca deste. Heidegger (2015) refere que a *temporalidade* manifesta-se como junção entre o que *está porvir* e o *vigor-de-ter-sido*, que se atualiza na realização das possibilidades de ser do *Dasein* em seu projetar-se.

O *ser-familiar*, ao narrar sua experiência vivida, apresentou-se como preso ao passado. No discurso dos familiares, fica evidente que o tempo de vivência do luto não é delimitado pelo passar dos dias, mas sim é perceptível que o tempo cronológico não apaga as recordações, pois a presença do familiar continua viva no existir-no-mundo, como corroboram os trechos dos depoimentos a seguir:

A tristeza toda que eu senti eu converti em saudade. Ainda bate aquela coisa, tem dias que mais forte. Ele queria muito me ver casando, ele brincava com meu pai que entraria na igreja segurando no meu outro braço e a gente caía na risada, quando lembro disso bate uma melancolia, sei lá. Vou casar em junho e ele não vai estar aqui, e isso dói. (P7).

Minha companheira não estaria mais comigo, meu amor. Alguém que vivia só para mim. Os cachorros sentiam a falta. Eram sempre tristes, chorosos, uma nem comia direito, a mais apegada a ela, e olhar para eles me lembrava dela demais. Ela é uma saudade constante e eu não quero nunca mais casar de novo, ninguém preencherá o espaço dela. (P8).

Assim que ele partiu, vieram muitos pensamentos de tudo que vivemos juntos. Desde criança até agora, um filme dos vários momentos que ele esteve comigo. Eu não consigo mais ouvir as músicas que eu adoro, sertanejo antigo, modão de viola, porque ele também gostava e eu lembro dele, aí eu não quero ficar chorando e me lembrando dele, eu evito. (P9)

O medo mostrou-se um elemento presente sobremaneira na experiência vivenciada pelos familiares. Jorge, Mello e Nunes (2020), afirmam que, durante a pandemia houve o medo tanto de contrair a doença como o de que pessoas que amamos contraíssem a doença, deixando todos acuados.

Segundo Heidegger (2015), o medo convida o ser a viver na impropriedade, na entificação, sem atribuir sentido, deixa-se que os outros e as circunstâncias o atribuam, pois o ser se aliena de si mesmo vivendo num sentido impróprio que não aponta em direção alguma, como uma finalidade sem fim.

Liu, Bao, Huang, e Lu (2020) nos remetem a esta ideia ao abordar que a perda de figuras de referência gera medo do porvir, aumentando o risco para

problemas de saúde mental. A American Psychological Association -Apa (2020) nos traz a informação de que o medo gera uma desorganização em processos de perdas familiares e que é um sentimento esperado em contextos de pandemias.

Quando o medo surge, este assume um significado existencial e temporal constituindo-se de um esquecimento de si mesmo e permite ao familiar o não reconhecimento de si no mundo circundante, tornando-se incapaz de perceber as possibilidades que o circundam, pois se torna um *ser-no-mundo* aflito e perturbado pela constatação de que aquilo que não foi pensado e planejado aconteceu.

No auge da pandemia, tanta gente doente, morrendo, quatro pessoas da sua família doente? É desesperador. Na hora que eu entendi que ela havia morrido, já bateu o medo que meu pai fosse também, pois eu não via como poder lidar com isso. (P2)

Nós ficamos muito assustados. Era tanta gente morrendo que o medo era grande que alguém da nossa família fosse também. Quando o hospital ligou para dar a notícia do falecimento dele, disseram que ele havia tido uma parada cardíaca e eu não conseguia acreditar. Foi um choque. Eu só tinha medo de como seria agora. (P3)

Ele adoeceu, começou a ter febre, a garganta doendo, quando deu positivo, ficamos com medo da morte e ele foi piorando, piorando...10 dias depois ele estava muito mal, muito cansado. Quando ele morreu eu fiquei sem chão, com medo, paralisada. (P1)

Eu particularmente, eu ainda tenho medo de trabalhar, de sair, medo de adoecer, vejo as pessoas muito nem aí, eu sei que o mundo caminha, mas a dor ainda permanece. (P4)

Wallace *et al.* (2020) afirmam que a pandemia de COVID-19 interrompeu as experiências usuais de luto, gerando medo quanto ao presente e incertezas quanto ao futuro. Meneghel, Ribeiro e Oliveira (2022) explanaram que epidemias de doenças infecciosas ao longo da história e mesmo na atualidade produzem, além da doença e da morte, grandes impactos psicossociais, e que no caso da covid-19, acrescenta-se o concreto medo de morrer gerando uma desorganização familiar. Ornell *et al.* (2020) corroboram e acrescentam que pessoas afetadas pela doença, em isolamento ou que perderam familiares podem apresentar níveis muito altos de sofrimento mental e conseqüentemente, medo.

Percebe-se nos depoimentos que os familiares foram aprisionados a realidade da morte e essa etapa inicial da vivência do luto foi marcada pelo medo, e conseqüentemente pela não ação, pois segundo Heidegger (2015), o medo paralisa o ser, pois o que se teme está sempre no horizonte, vindo ao nosso encontro e isto é

muito mais que um sentimento, é um modo pelo qual nos colocamos no mundo e convivemos com os outros.

Eu estou de luto ainda, dói muito, toda noite eu choro, eu lembro dele, é muito ruim perder alguém que convive com a gente, que a gente ama, que a gente gosta [...]. Eu nem sei se eu superei ainda essa perda. Eu brinco, para ver se sai de mim, do coração, eu sei que tenho que me acostumar. (P1)

A linguagem de P1 indica que sua dor é vivenciada no presente, que é marcado pelo sofrimento ocasionado pela partida do marido. O sentido do modo de ser de P1 se dá por referência ao modo temporal do luto vivido com a perda do marido, ou seja, ela vive o modo de ser viúva, marcado pelo sofrimento psíquico, conforme também se evidencia na fala de P4:

Tomo remédio ainda para dormir. A dor ainda permanece (choro). É horrível, eu vivo assim sempre com uma dor, com uma ausência. Levar o corpo dele para João Pessoa para mim foi o fim! O fim! Ele falava tanto que queria ir embora e eu ia levando o corpo dele para sepultar. Eu não imaginava nunca isso. A gente cuidava tanto dele e levar o corpo dele assim acabou comigo. Horrível, horrível, horrível, péssimo. (P4)

O discurso de P4 deixa claro que o tempo de estar enlutado não é delimitado pelo passar dos dias, as lembranças não são apagadas e a presença e as dores ocasionadas pela morte do esposo continuam vivas em seu existir-no-mundo.

Deste modo, lamentar a perda da pessoa amada faz parte da temporalidade do luto. A pessoa enlutada sente a necessidade de expressar suas emoções como uma forma de expurgar a dor vivida.

A intensificação do sofrimento, sem progressão para resolução ao longo do tempo, pode sobrecarregar a pessoa enlutada e expressar essas emoções pode ajudar a se adaptar melhor a perda de seu familiar. (Worden, 2018). Freitas (2018) ampara esta afirmação ao considerar que a expressão do luto não pode ser delimitada e nem encarada como uma vivência patológica, pois a inviabilidade de sua expressão produz consequências relevantes na qualidade das vivências que envolvem o enlutamento, assim como nas possibilidades ou dificuldades encontradas pelo enlutado no enfrentamento da perda de um ente querido, e que essa expressão não tem um tempo delimitado para acontecer.

Heidegger (2015) nos apresenta a situação existencial como inseparável da *temporalidade*; o homem só existe porque está essencialmente ligado ao tempo. Para o filósofo alemão o presente é a mistura da retomada do passado e de antecipação do futuro. Existir é temporalizar-se, pois o ser, enquanto existência é determinado pelo tempo.

Eu nem sei dizer se eu vivi um luto, se eu ainda vivo ou se vou superar, não sei explicar, porque parece que é mentira ainda. Eu vivo como se ele estivesse na casa dele (P9)

Eu comecei a vê-la piorar, ficar desorientada, e pela minha experiência eu sabia que dificilmente ela sairia dali. Teve que ser entubada, mas quem disse que tinha respirador disponível para ela ir p UTI? Imagine a minha impotência, eu vivi um luto de mãe viva, por que eu sabia que a morte dela ia chegar e de um jeito tão triste. Isso levei comigo por muito tempo, esse peso. (P2)

O discurso de P2 nos desvela o sofrimento pelo adoecimento de sua mãe e as condições nas quais se deram a morte, fato que foi muito significativo para o seu trabalho do luto. Seu depoimento descobre a angústia sentida pelas lembranças do processo de terminalidade e apontam o quanto foi difícil para a depoente esquecer os momentos que se seguiram a morte de seu familiar. Deve-se observar que estar ao lado de quem morre com grande padecimento pode levar a uma séria dificuldade no processo de elaboração do luto, pois as lembranças causam um impacto crucial ao serem rememoradas pelo enlutado.

O luto abarca várias dimensões e o modo de lidar com o fato depende principalmente das inter-relações do enlutado. Entre os aspectos que influenciam o processo de luto, destaca-se a forma da morte, a proximidade da relação com a pessoa perdida, e os antecedentes históricos e características de personalidade e sociais (DUTRA *et al.*, 2018), e segundo Santos, Yamamoto e Custódio (2017), a reorganização do mundo interno do enlutado, devido a ser uma tarefa cognitiva, leva tempo se for imposta de repente.

O conceito de temporalidade proposto por Heidegger tem três momentos: o porvir (futuro), ser lançado; o ter-sido, aquilo que não é só lembrança, mas é a existência, o q o ser viveu que o compõe também agora; e a presença/presente, que não se configura como o agora fechado, mas aquilo que poderá lançar o ser para novas possibilidades. O filósofo alemão tem a intenção de interpretação do ser por

meio da temporalidade. A apreensão do ser só pode ser concretizada na perspectiva do tempo, pois aquilo que faz parte de nossa história, faz parte de quem somos.

A perda de seus familiares em circunstâncias tão adversas como as de uma pandemia, parece ter marcado ainda mais a vida dos depoentes, pois estes ainda são obrigados a conviverem com as repercussões da pandemia, o que emerge como uma constante reminiscência, que interfere na sua apresentação como ser-no-mundo, conforme consta no depoimento de P5:

Eu ainda nem consigo viver outras coisas, estou muito presa a essa situação. Eu procurei um psiquiatra, pois eu estava sem comer, sem dormir. Mas quando eu cheguei e ele me perguntou por que eu estava ali e eu não lembrava. Eu estava em um choque tão grande que meu cérebro parece que queria me fazer esquecer. E eu encontrei na COVID, não só a questão da doença em si, mas essa coisa repentina, avassaladora, que traz medo, que está sempre aqui. (P5)

Para Heidegger, a temporalidade assume a possibilidade da compreensão de ser e, com isso, a possibilidade da interpretação temática do ser e de sua articulação e modos múltiplos, isto é, a possibilidade da *ontologia*. O fenômeno da morte só é visto de forma autêntica quando não é vivenciado pelo outro como algo indiferente ou simplesmente como a morte do outro. Quando a morte alcança o *Dasein* ele não é mais *aí* (Da), pois a morte é a mais própria possibilidade do ser, embora continue pura possibilidade, sendo precisamente o que determina o ser do homem que sempre será um poder ser, até vivenciar a própria morte.

3.2.4 Temática ontológica 4: O familiar enlutado diante da possibilidade da morte

Outro *existencial* do Ser para Heidegger (2015) é da possibilidade da morte, pois, configura a maior das certezas humanas. O Ser está sempre nesta possibilidade. No contexto da pesquisa, o familiar enlutado é, sobretudo um *ente* que está no mundo para a morte.

Contudo, paradoxalmente, antes experienciar a sua própria morte só possui a experiência com esta indiretamente, através da morte dos outros e no caso em análise, da morte do seu parente. A medida em que o familiar enlutado vive a “ideia” de morte torna-se algo que cresce e se desenvolve no seu existir. Para o familiar enlutado a morte é uma possibilidade presente constantemente, e não distante, porém esta possibilidade para si é a última que se realizará, enquanto ela ainda se aproxima

lhe falta alguma coisa, algo que ainda será. Ou seja, a vida destes familiares só se tornará “um todo” por intermédio da própria morte.

Heidegger (2015), assim como outros autores, definem a morte como a única maneira de atingir a individuação, ou seja, conquistar a totalidade de sua vida (pois antes da morte a individuação existe apenas enquanto potencial); ele a chama de princípio de individuação, uma vez que a morte é a única possibilidade que determina a totalidade do ser, que o limita, e que lhe permite ser completo.

Através da analítica existencial de Heidegger foi possível desvelar que a mesma decisão antecipadora que conduz o *Ser-aí* a compreender sua finitude leva-o a procurar entender a vivência da morte de outros ao seu redor. A morte de um familiar transporta naturalmente a pessoa para a condição de *ser-no-mundo* enlutado, na qual a ausência do *Ser* que lhe é querido terá que ser enfrentada. O luto é considerado um momento crucial do ciclo vital, com consequências diretas para toda a vida da pessoa.

Embora encarado como um evento natural da vida e que será experimentado por todos, o luto terá efeitos variáveis sobre as pessoas, estando diretamente ligado a um processo social e para compreender todas as dimensões da perda é preciso ter claro como o contexto social interfere no luto (DAHDAH *et al.*, 2019).

O sofrimento vivido durante um processo normal de luto surge como oportunidade de aprendizado, transformação e desenvolvimento. A resolução do luto será facilitada pelo contexto no qual o enlutado vivencia o fenômeno (ALVES *et al.*, 2021). O estresse imposto numa situação de pandemia pode dificultar essa vivência, tornando a premissa de crescimento emocional mais penosa (MELLO, 2020).

Olhava para tudo que ela gostava e para o que ela fazia e doía muito. Talvez se ela tivesse morrido de algumas das outras doenças que ela tinha, eu tivesse aceitado melhor. Eu sofro por ela ter morrido de COVID, por não ter o respirador. Ela passou uma semana sofrendo, cansada, e não conseguiram uma UTI para ela. Na época isso me martirizava. (P3)

Foi difícil demais. Demais, demais. Ainda é difícil. E eu imaginar ele sozinho no hospital, e eu não podendo ficar com ele morrendo, talvez sabendo que ia morrer e sozinho, isso me mata. (P1)

Eu chorei tanto, mas tanto. Perder alguém querido assim, sem esperar, para uma doença sem explicação é desolador. (P7)

Apesar de o *ser-aí* diante da morte dos outros vivenciar o sofrimento pela perda do ente querido, Heidegger afirma que essa perda não será capaz de fazê-lo despertar

para o sentido ontológico da morte. Entretanto, o ser é obrigado a encarar a facticidade da condição em sua vivência. Antes algo que parecia distante, torna-se concreto diante de sua condição de *ser-no-mundo*.

O pesar que a morte traz consigo é aquele que os sobreviventes experimentam, mesmo que não se configure como a perda de ser que o finado experimentou, pois, segundo Heidegger (2015) não experimentamos genuinamente a morte dos outros, mas estamos presentes a ela. Deste modo, a morte dos outros torna a morte objetivamente acessível, pois o ser-aí é ser-com os outros e se ocupa da morte dos outros, por exemplo, nos ritos dedicados aos mortos, não sendo o finado um simples instrumento de que se ocupa no funeral, mas sim um ente que perdeu a vida, e que no caso, tinha estreitos laços afetivos com quem permanece vivo.

Posteriormente a todas ou a algumas fases do desenvolvimento humano, a morte é o marco final da vida de um ser humano. Quando se trata da morte de alguém significativo, o conflito primordial do processo de luto, que é viver o sofrimento pela perda e ao mesmo tempo ter que seguir em frente, é desencadeado (GIAMATTEY *et al*, 2022). Hott (2020) diz em seu trabalho que quando o enlutado vive a angustiante suspensão do viver (do outro, mas que também pode reverberar em si) abre uma aporia fundamental para delinear as transformações do porvir, marcada pelo sofrimento e solidão.

Novas áreas de investigação sobre a adaptação de enlutados frente às perdas de familiares queridos trouxeram perspectivas diferentes sobre o luto e suas complicações, apontando que o enlutado ora está enfrentando a perda, ora enfrenta o processo da restauração, e que mesmo que estes eventos não aconteçam de forma linear, retratam o processo de elaboração do luto (SANTOS *et al.*, 2019).

Ao viver o processo de morte de alguém querido, o enlutado, como *Dasein* que é, envolve-se em diversas possibilidades, pois a morte do outro não alcança o *Dasein* em luto como o acabamento de seu caminho.

Vivenciar o luto de um familiar querido, além de ser uma experiência profunda e dolorosa de perda, assume também a evocação de nossa condição mortal, da inevitabilidade e irreversibilidade da morte, como pode ser constatado nos trechos extraídos dos discursos e apresentados a seguir:

Em nenhum momento eu me revoltei por causa disso, muito pelo contrário, porque eu tenho certeza que se não fosse a hora do meu

pai ele não teria ido, então eu creio nisso por mais difícil que isso possa parecer. (P3)

Foi quando eu fui entendendo o porquê. Tinha motivo para aquilo. Chegou o momento, sabe? (P8)

O luto vivido pela perda de um ente querido não é somente uma experiência dura e profunda, mas também a evocação de nossa condição mortal, assim como da inevitabilidade e irreversibilidade da morte. Seus aspectos ontológicos podem tornar seu enfrentamento mais árduo, além de se apresentarem como situações potencialmente reveladoras de conflitos anteriormente já vividos na história do enlutado que encontram no processo de luto espaço para *(re) significação*.

O significado atribuído pelos familiares à experiência de vivenciar o luto pela perda de seu parente durante a pandemia de COVID-19 evidencia processos importantes para a vivência do luto, da morte e do morrer.

Santos *et al.* (2019) também afirma que os significados encontrados ou construídos nas experiências vividas são fundamentais para o ajustamento do indivíduo à perda, e que serão significados mutáveis à medida que novas experiências e novos sentidos são vivenciados, por tanto, compreender esse processo perpassa pelo estudo dos relacionamentos, da linguagem e dos diálogos construídos na interação do ser com o mundo.

A morte como única verdadeira possibilidade nunca pode se realizar. E precisamente isto que não é, este não ente, este nada é aquilo que desde o nascimento condiciona o mais profundo ser do homem, determinando-o como mortal sem meta, é o que nos diz Heidegger (2015).

O homem pode experimentar a própria morte apenas pensando-a como possibilidade nunca realizável, na qual descerra-se nele a possibilidade de não mais *ser-aí*. Diante da morte há apenas o inexplicável ter que morrer para viver. O *Dasein* sente a caducidade de seu ser-no-mundo mediante um sentir-se situado, uma tonalidade afetiva fundamental: a *angústia*. Ela não é uma forma de medo, porque a *angústia* não se dá diante de um ente *intra-mundano* ameaçador, mas diante do mundo como tal (Heidegger, 2015).

A problemática da finitude como o horizonte de manifestação do Ser é uma das principais temáticas dentro do pensamento de Heidegger. Para o filósofo alemão, a finitude possui um caráter favorável, ao passo que é entendida em uma perspectiva ontológica necessária a compreensão do Ser. Isso quer dizer que, a finitude é o

horizonte no qual o *Ser* se manifesta e no qual é possível uma compreensão de seu sentido. O questionamento pelo *Ser* deve pautar-se sempre na finitude porque, segundo a fenomenologia existencial heideggeriana, o *Ser* está ligado ao tempo e não “pode-ser” interpretado a partir da eternidade, que é negação do tempo (Heidegger, 2015).

Kluber- Ross (2008) parece amparar esse pensamento existencialista ao afirmar que a morte não deve ser temida, pois dela pode surgir uma experiência enriquecedora, dependendo de como o *Ser* olha para as situações. Busa, Silva e Rocha (2019), corroboram com esta ideia ao trazer que, posteriormente a uma perda, na vivência dos processos de elaboração do luto, ocorrem fenômenos de enfrentamento e elaboração da dor que são deveras significativos para uma nossa percepção do homem quanto a vida, pois, além de lidar com a perda, a pessoa em luto precisará encarar as rupturas na sua condição e no seu papel exercido, como por exemplo, alguém que deixa de ser um filho para se tornar um órfão.

Freitas (2018) corrobora com o dito anteriormente, dentro de uma abordagem fenomenológica-existencial, ao trazer que o luto está para além de uma experiência intrapsíquica, pois há uma perda de papéis quando se perde alguém amado, fazendo do luto uma experiência social.

O enlutamento é uma experiência que pode envolver um sofrimento que não se pode controlar ou conduzir com estratégias estabelecidas previamente, pelo contrário, o luto deve ser incorporado ao existir, trazendo novas possibilidades de significações (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

Assim sendo, o campo de compreensão tanto da questão do *Ser* quanto da análise do ser do ser-aí, quiçá, de toda a filosofia, é a finitude. Finitude esta que se mostra como o horizonte no qual o ser-aí se relaciona com o *Ser*, compreendendo seu poder ser mais próprio. É a partir dessa relação de circularidade entre *Ser* e ser-aí que devemos entender o conceito de finitude e a partir dessa compreensão que podemos visualizar a importância capital que a finitude ocupa (Heidegger, 2015).

Os discursos revelaram que esta experiência da morte de um familiar querido ocasionou o despertar do ser para sua própria finitude. A perda e o processo de luto remetem a pessoa à insuperável possibilidade da sua própria morte, o que a leva a repensar seus valores e crenças e transformar sua maneira de compreender a vida.

Hoje eu fico lembrando só das coisas boas, porque qualquer coisa de ruim que tenha tido no nosso casamento não chegava nem perto do que era bom. Não quero nada de ruim no meu coração. (P8)

Nós dois fazemos aniversário em outubro, era festa. E ele era muito festivo, dezembro era o mês das festas, a casa ficava cheia, o mês de dezembro para mim foi péssimo. A gente vai pedindo força a Deus, vai orando, mas é muito difícil, porque a ausência, aquele vazio, aquela falta e você não entender. Eu acho que eu deixei de valorizar mais as coisas materiais, estou tentando mais viver o hoje, sem pensar no amanhã. Trabalhar para mim tem sido uma saída, quero me especializar mais profissionalmente. (P5)

A morte de um ser humano que lhe é querido leva o familiar enlutado a uma profunda reflexão sobre morte, a vida e o tempo de cada indivíduo. Ressignificar as próprias experiências parecem ter feito parte da vivência do luto, os familiares parecem ter adquirido um novo tipo de valorização da vida, pautado no desapego material e na ampliação do campo espiritual, na busca pela harmonia consigo mesmo e com os seres humanos, pois a vida passa a ser vista como algo transitório.

Nessa perspectiva, compreendemos na fala da P5 que a morte do noivo teve um significado de mudança em sua forma de perceber a vida, atribuindo-lhe um caráter de efêmera, perecível e transitória.

Ao deparar-se com a possibilidade da própria morte ao vivenciar a morte de outrem, emerge a impossibilidade de negar a própria finitude (Heidegger, 2015), ao menos racionalmente, e isso ajuda a pessoa a refletir sobre o que fará com si mesma e com a forma como lida com a vida social.

A analítica heideggeriana considera que o *Ser-aí*, em sua transcendência, pode ter atitudes distintas para apropriar-se do mundo ao seu redor, pois, ao transcender sua própria dor, o *Ser-aí* passa a viver autenticamente no mundo, tornando-se um Ser de preocupação consigo e com o outro (Heidegger, 2015). Nesse contexto, percebemos que, na fala de P1, ao vivenciar a concretude da morte em seu lar, ela transcendeu seu “*poder-ser*” e descobriu-se também como um Ser para a morte:

Eu me apeguei muito mais aos meus filhos, aos meus netos, passei a ver que é isso que importa, que a vida é isso, porque amanhã posso não estar mais aqui. (P1)

A maneira como os familiares sobreviventes responderão às mudanças advindas com a morte em seu meio familiar será fundamental para uma adaptação e recuperação sadia. Em consonância com os resultados desta pesquisa, Dutra *et al.* (2018) também mostraram que os familiares que sofrem uma perda de um ser

querido fazem diversas tentativas de superação e de reconstrução em meio ao luto, para que possam dar um significado a sua perda e possa prosseguir com sua vida.

Muitos familiares recorreram as suas crenças religiosas a fim de obter algum tipo de conforto e assim aceitar melhor a partida de seu ente querido, como pode ser depreendido dos trechos abaixo:

A cada dia eu só fiz rezar, pedindo a Deus que me desse força, porque, por mais que os amigos deem uma palavra de consolo, só Deus mesmo. Eu tive que tentar entender o propósito de Deus. (P6)

Então eu creio nisso por mais difícil que isso possa parecer, eu creio que Deus ele é perfeito, ele não falha, ele não permitiria que uma vida se fosse, sem que de fato aquela fosse a hora certa. (P3)

A fé religiosa desponta como aliada na busca pelo entendimento da morte, amenizando seu sofrimento e auxiliando na busca de um propósito mais elevado. Tais resultados corroboram os achados da pesquisa de Reis, Quintana e Nardino (2021) que também evidenciou que o apoio em Deus se apresenta como fator preponderante para a superação do sofrimento vivido.

Uma revisão bibliográfica de metanálise, que buscou avaliar a correlação entre religiosidade, espiritualidade e qualidade de vida, indicou a existência de tal correlação, em especial no que tange ao enfrentamento de experiências difíceis (Melo *et al.*, 2015). Nesta mesma linha de pensamento, diz Quintana (1999) em seu livro sobre religião e religiosidade, ressalta que a religiosidade já mune os sujeitos de um conjunto pronto de significações, os quais facilitam a criação de novas perspectivas de entendimento da morte para os membros familiares, podendo proporcionar o crescimento e a aproximação da família, além de trazer maior controle interno.

Em *Ser e Tempo*, Heidegger (2015) nos apresenta a característica fundamental do *ser-aí*, aquilo que o difere de todos os demais entes. Assumindo o papel de ser-no-mundo, o *ser-aí* carrega com sigo a preocupação, pois este, ao assumir seu caráter ontológico, sempre se projeta à uma realidade ausente e futura, tornando impossível analisar sua existência desde a totalidade. Ao trazer essa reflexão, o filósofo alemão aborda a relação entre a preocupação, a finitude e a problemática da morte, sendo essa relação capaz de tirar o ser da inautenticidade do cotidiano e transportá-lo para o futuro, para a compreensão de que é um ser-para-a-morte.

A COVID ela não escolhe, leva qualquer um. Poderia ter sido eu, ou qualquer outro da família. A gente nunca quer encarar a morte, mas ela faz parte, mesmo que doa muito. (P7)

Apesar de a morte ser um evento penoso para o familiar, vivenciá-la foi fundamental para a construção de sua ideia de temporalidade e edificação de novos significados para sua existência. A intensidade vivenciada diante das perdas é singular, pois cada vínculo é único, não podendo haver substituto para um filho, um irmão ou uma mãe que se perde, o que em grande medida influencia as reações do enlutado.

A realidade da morte, despertada pela *angústia*, leva o *ser-aí* a tomar sua existência a partir de sua essencial abertura e compreensão de seu ser, por meio de uma decisão enérgica. É neste sentido que Heidegger (2015) entende o “ser-para-a-morte” como a realidade finita que permite a compreensão do *ser-aí* em seu todo estrutural.

Michel e Freitas (2019) abordam que o ser é lançado a sua nova condição de enlutado e essa condição traz novas possibilidades de ser e são evidenciadas justamente pela ausência daquele que morreu. Os autores afirmam ainda que as novas possibilidades para o ser mantêm a presença de quem se perdeu como ausência, incorporada no modo de ser de quem ficou. Com base em uma compreensão existencialista o luto será vivido não como etapas a serem superadas, nem tão pouco como uma volta a vida que era antes, mas com uma perspectiva de possibilidade de seguir em frente com a ausência, criando novos significados para a vida futura com o ser amado dentro de uma existência simbólica.

De modo semelhante, Freitas (2018) afirma que não é possível retornar a um mundo anterior no qual ainda existe quem se perde, há apenas a possibilidade de ressignificação através da incorporação do luto ao existir, não tendo a pretensão de superá-lo, mas sim de entendê-lo, bem como a morte de seu familiar como uma nova possibilidade.

Para Heidegger, o *Ser-aí* sempre está diante de uma possibilidade ainda não realizada, assim, o *ser-aí* é sempre um ser incompleto, constantemente inacabado. Apenas a morte é capaz de completar o ser. Ao vivenciar o processo de morte de alguém com quem mantém vínculos afetivos muito estreitos, o *ser-aí* percebe a morte não como fim da vida, mas como a essência da vida, pois ela faz parte do *ser-aí*, sendo a possibilidade da impossibilidade da existência.

A morte acaba por levar os seres humanos a uma reflexão acerca dos mais diversos sentidos da vida, a compreensão da finitude e o aproveitamento do tempo. É possível depreender dos depoimentos que os enlutados passaram a enxergar que seu tempo é limitado e que por isso devem construir algo que seja proveitoso.

A experiência vivenciada com a morte sempre é vivida através da morte do outro, o que nos torna capazes de nos conscientizarmos de que somos todos seres mortais, seres para a morte, e segundo Heidegger, só aí passaremos a seres autênticos.

Os preceitos Heideggerianos nos trazem a ideia de que a morte é tal qual o modo que a vida assume, pois basta estar vivo para morrer, deste modo, deve-se assumi-la como um caráter ontológico, próprio do ser. Heidegger reconhece que a morte é causadora de angústia, mas não em seu sentido causal, e sim, como a abertura para o entendimento de que como seres lançados no mundo, somos feitos para o fim.

Quando o *ser-para a-morte* passa a considerar a morte como possibilidade, esta deve ser considerada sem atenuantes. Ao assumir a morte e reconhecer seu rigor pessoal, sendo um evento ímpar e último de sua vida, o Dasein deixa de temer a morte e alcança sua autenticidade. Neste momento, não a teme mais (Heidegger). Essa consciência foi observada nos seguintes trechos:

Hoje eu tenho certeza que se não fosse a hora do meu pai ele não teria ido, como vai chegar a hora de todos nós, então eu creio nisso por mais difícil que isso possa parecer. (P3)

Ele tinha medo de morrer. Eu não tenho medo de morrer, nunca tive, sei que fomos feitos para isso, minha dificuldade é lidar com perdas, e essa perda dele foi a mais difícil da minha vida. (P5).

A partir dos depoimentos, e com base nos ensinamentos heideggerianos, depreendemos que a compreensão do fenômeno da finitude e conseqüentemente a apropriação de seu irretorquível cunho findante, possibilitam que o ser-aí se antecipe e, por conseguinte, se decida, na medida em que é o único ente que traz consigo, originariamente, a possibilidade de uma apropriação temática de sua própria finitude. Enquanto iminente e não realizada, a possibilidade da morte carrega, paradoxalmente, a própria possibilidade de realização de qualquer outra possibilidade (Heidegger, 2015).

Assim, percebendo-se como um “ser-para-a-morte”, o ser-aí encontra sua totalidade existencial e percebe que a finitude escancara a nulidade de qualquer projeto, mas ao antecipá-la, o ser-aí assume as suas possibilidades próprias, ao invés de se perder no geral, naquilo que é de senso comum, que estabelece a visão de que o fim da existência é um acontecimento distante que afetará a todos um dia, mas, por hora, não afeta ninguém. Se o Dasein permanecer imerso na perspectiva do impessoal, não conseguirá se reconhecer como um ser para a morte em sentido próprio.

Ao assumirem originalmente seu findar, os familiares enlutados compreendem, antes de tudo, que o ente que nós somos se fundamenta em um *ser-para-a-morte*, e assim passam a entender a morte como a possibilidade que permite realizar todas as outras possibilidades.

Eu hoje me cuido mais, comecei uma faculdade que queria há muito tempo, procuro aproveitar mais meus dias, abraçar mais as pessoas que gosto. Descobri-me querendo viver mais coisas, não só pela morte do meu pai em si, mas pelo jeito que aconteceu, por essa pandemia, a gente só tem o hoje mesmo. (P9)

Hoje a saudade fala mais alto que a dor, não me questiono mais o motivo disso, porque sei que existe um propósito para tudo, todos vamos morrer e Deus faz sempre o certo. Minha nora está esperando uma netinha e isso alegra meu coração, ela iria amar ter uma netinha, e vamos colocar o nome dela para homenagear. Fiquei muito feliz com isso. Hoje eu fico lembrando só das coisas boas, porque qualquer coisa de ruim que tenha tido no nosso casamento não chegava nem perto do que era bom. Aproveito minha família, já estou velho, não quero ir embora deixando nada de ruim. (P8)

E eu adotei uma criança. Eu nem queria uma criança, mas depois disso eu quis viver tudo, porque eu não sei até onde vai essa vida. Viver como realmente importa. Foi onde eu tive que esquecer um pouco do luto. Eu preenchi com o amor do meu filho. Isso tornou mais leve. Foi onde eu tive que esquecer um pouco do luto. Eu preenchi com o amor do meu filho, do meu companheiro. (P6)

Em meio à experiência da vivência do luto, a existência desprovida de sentido se apaga. Os familiares passaram a buscar ocupar-se de questões que podem levá-los a descoberta do ser. Norteados pela angústia, se abriram a novas possibilidades, diante da possibilidade de não mais as ter, o que os elevou ao estado ontológico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pela compreensão do fenômeno da existência dos familiares em luto pela perda de um parente com óbito pela COVID-19, durante a pandemia, demandou extremo esforço para um necessário aprofundamento em minhas próprias angústias e inquietações, assim como nas dos participantes da pesquisa, porém, o tempo todo se fazia necessário que a aproximação e o distanciamento com o vivido pelos participantes se fizessem presentes, a fim de que uma narrativa coerente fosse construída.

A escolha pelo referencial teórico de Martin Heidegger forneceu-me o apoio necessário para a análise e a interpretação do fenômeno velado na existência dos familiares enlutado, sendo possível desvelar o que estava oculto no vivido d processos de luto.

Foi possível trazer à tona a profundidade dos significados que os familiares atribuíram as suas experiências de vivência de luto em um contexto tão aterrorizador proporcionado pela pandemia, permeado de diversos sentimentos complexos, intensos e difíceis de serem superados, mas que permitiu a estes familiares enlutados vislumbrarem a possibilidade de encontrar suas autenticidades e ter um novo olhar sobre a existência humana do ser para a morte e a possibilidade do luto enquanto *ser-aí* no mundo.

Fica evidente que aqueles que perderam seus familiares em decorrência da pandemia de COVID-19 são merecedores de uma atenção especial e uma assistência mais específica, devido às mudanças drásticas nas circunstâncias que cercaram a morte e o luto, trazendo condições adversas ao processo de elaboração da perda de seus entes queridos, podendo acarretar em formas mais persistentes de adoecimento mental.

Tais circunstâncias sinalizam a necessidade do desenvolvimento de novas intervenções e formas de prover cuidado aos familiares enlutados em épocas pandêmicas, pois esta pesquisa destacou o reconhecimento de que os processos de terminalidade, morte e luto são experienciados de forma singular, pois o *ser-no-mundo*, este *ser-em-situação*, relaciona-se com o que viveu, porém, ele não está preso à situação em que se encontra; mas sim, sempre aberto para tornar-se algo novo.

Esta pesquisa configurou-se relevante por possibilitar um maior conhecimento e compreensão que podem embasar as ações de enfermeiros e demais profissionais de saúde frente à assistência de familiares enlutados, assim como subsidiar as práticas de ensino na enfermagem, pois há a necessidade de aprimoramento da grade curricular para que inclua temas de assistência ao luto. Também poderá servir de base para que políticas públicas sejam desenvolvidas de forma compatível com suas reais necessidades e não apenas de maneira genérica. Faz-se necessário destacar que, ao ser analisado em outro contexto, o fenômeno desvelado se mostre de forma dessemelhante a aqui descrita, todavia, salientamos que os resultados encontrados nesta pesquisa poderão enriquecer a sua compreensão.

Deste modo, é possível considerar que esta pesquisa permitiu o alcance do objetivo pretendido, que consistiu em compreender, através da fenomenologia existencial, a experiência dos familiares em luto pela perda de um parente que foi a óbito pela COVID-19, durante a pandemia.

Ademais, a pertinência desta pesquisa consiste na contribuição para a edificação do arcabouço científico a ser disponibilizado para a comunidade acadêmica, visando abrandar a lacuna de conhecimento existente no que concerne às vivências de processos de luto em condições de adversidades pungentes, auxiliando assim uma prática de saúde baseada na dignidade, equanimidade e integralidade. Além disso, a literatura de enfermagem carece da aproximação dos processos de construção de significado relacionado ao luto na abordagem prática de cuidado do paciente e da família.

Os fatores limitantes encontrados na pesquisa estão relacionados com as dificuldades provenientes das particularidades referentes a situação da pandemia, dificultando o acesso aos possíveis participantes, que por terem vivido uma perda proveniente da COVID-19, reconsideraram sobre quebra do isolamento social.

Por conseguinte, ressalto a importância da continuidade de pesquisas futuras voltadas para o tema, tendo em vista que existem diversos pontos que merecem uma exploração maior, o que pode vir a gerar novos significados e descobertas, frutos de diferentes olhares e interpretações.

4.1 SÍNTESE DO CONHECIMENTO DA PESQUISADORA

A fenomenologia heideggeriana apresentou-se como o suporte necessário para o desvelamento de como acontecem os fenômenos da existência dos familiares em luto pela perda de parentes queridos com óbito pela COVID-19, durante a pandemia. É peremptório perceber que ainda se faz necessário avançar no que concerne à compreensão, respeito e, conseqüentemente, na compaixão dedicada à individualidade e complexidade das experiências vividas por esses seres, visando contribuir com uma experiência de vida mais justa. Ademais, esta pesquisa também permitiu emergir a necessidade de um olhar mais criterioso as pessoas enlutadas em decorrência da COVID-19, a fim de proporcionar uma assistência mais assertiva e segura, não apenas desempenhando o papel de profissionais de enfermagem, mas, sobretudo, como cidadãos.

Ao percorrer o caminho traçado pelos próprios participantes da pesquisa através das entrevistas concedidas, nos deparamos com suas experiências desde o luto e a dor vivenciados antes mesmo do falecimento do familiar, até a redescoberta de um significado para a continuidade da vida. Isso ocorreu mesmo diante da inegável finitude do *ser-aí* se descobrirem como *seres-para-a-morte*, por meio do desenvolvimento de transformações a nível existencial, as quais tornam possível encontrar motivos para ir adiante.

Deste modo, a primeira temática ontológica desta pesquisa desvelou o fenômeno ocorrido para o ser-no-mundo que se vê diante da morte de um familiar que lhe é querido e isso gera um círculo de sentimentos, conhecimentos e preocupações, pois o ser sempre estará em relação com algo ou com alguém. Tais sentimentos e preocupações surgiram desde vivenciar uma pandemia e todas as suas implicações, perpassando pelo sofrimento de receber o diagnóstico da doença em um familiar, pelo isolamento de seu parente em um leito de hospital, do desespero que se caracteriza pela perda de controle emocional ao se enxergar encurralado por caminhos que certamente levariam seu familiar adoecido até a morte.

Ao me deparar com esta vivência narrada pelos familiares pude explorar impetuosamente um dos motivos da minha inquietação, justamente aquele que se refere aos sentimentos e sensações que são despertados nos familiares que acompanham o processo de adoecimento e morte de uma pessoa querida em um contexto social que soma adversidades ao processo de luto. Foi unânime nas falas que, estar enlutado em decorrência da pandemia da COVID-19 foi um fator

complicador e gerador de sofrimento extra para os familiares, inclusive aqueles que já experienciaram a perda de outros familiares. Este fato por si só já incomoda e acende o alerta de que essas pessoas não tiveram a assistência que lhes era devida ao viver situação tão peculiar, com a qual não estavam acostumados a lidar. Os discursos indicam as repercussões avassaladoras resultantes das mortes frequentes, do medo da doença, do isolamento social, da supressão dos ritos de despedida, comportamentos díspares do que aqueles que as culturas estão familiarizadas.

Que a sociedade de forma geral não estava preparada para lidar com tantas vidas perdidas já é algo debatido frequentemente nos mais diversos contextos e ambientes, mas foi possível perceber que, mesmo que a morte seja uma certeza de todos nós, vivenciá-la com tamanha proximidade trouxe desafios adicionais na ocorrência dessa grave emergência dessaúde pública.

Em decorrência desse processo, as falhas no acolhimento e na aceitação da expressão de sentimentos através de ações culturalmente estabelecidas, emergiram como desencadeadores de um luto mais penoso, dificultoso, que demorou ou ainda não foi elaborado de forma satisfatória.

No decorrer do enfrentamento do luto pela perda de seu familiar, os participantes relataram a culpa que sentiam ao não poder ofertar o cuidado que a pessoa falecida merecia e como esse sentimento era perene em suas vidas, mudando bruscamente a qualidade do processo de luto, fazendo com que o mesmo, muitas vezes, não possa ser bem-sucedido, alterando bruscamente sua qualidade de vida e cotidiano.

A ausência do familiar levou os enlutados a uma solidão existencial em que todos os artifícios e estratégias pareciam ineficazes para dissipá-la. As famílias se viram obrigadas a mudar suas dinâmicas, mas a presença do ser que se foi ainda era marcante em objetos pessoais, nos momentos das refeições e nas tarefas inacabadas que deveriam ser finalizadas junto.

A angústia que viveram e ainda vivem em decorrência de suas perdas apontou um norte para que, aos poucos, possam ir se redescobrando em sua nova condição, apartando-os da ideia de invulnerabilidade e aproximando-os de si mesmo, ao aceitarem a inevitável possibilidade da morte.

A idealização desta pesquisa surgiu através de inquietações e curiosidades, conforme apresentado na apresentação inicial. Porém, conforme a pesquisa transcorria, a ideia inicial foi substituída por algo infinitamente maior, mais intenso e

rico do que eu pude imaginar que seria ao surgir o meu interesse em explorar este objeto.

A cada entrevista o meu desejo em saber mais das experiências de vida de cada um dos participantes e protagonistas desta pesquisa aumentava. Por diversas vezes me pegava lembrando as falas de algum deles, suas feições, seus gestos e o sentimento que crescia em mim era o de compaixão, não apenas me colocando em seus lugares, mas agindo de algum modo para dar voz esses sujeitos, tornando o mundo menos doloroso e sombrio para estas pessoas, mesmo que agora não seja mais o mundo que conheceram antes da morte de seus familiares, mas que, de alguma forma, pudessem se redescobrir e se reinventar mesmo em circunstâncias tão aterradoras. A cada depoimento transcrito, aumentava a minha necessidade em amparar suas dores, em valorizá-los.

Ao ouvir cada relato de tristeza, o desejo de poder fazer com que suas histórias não se perdessem e que pudessem ajudar outras pessoas só aflorava mais em mim, pois vi que suas necessidades de acolhimento são reais. Alguns participantes acreditavam que foram negligenciados em seus lutos, mas não tinham exatamente a quem culpar. O fato de entenderem a necessidade do isolamento, a suspensão de rituais fúnebres e as práticas diferenciadas na assistência de saúde, não amenizavam a dor que sentiam, pois não há nada que viveram que possa ser comparado ao que viveram durante a pandemia.

Vários participantes choraram ao contar suas histórias, alguns choraram copiosamente, considero relevante finalizar minha síntese do aprendizado obtido com a minha dissertação, relatando algo que aconteceu em todas as entrevistas, sem exceção: ao compartilhar suas experiências todos os participantes, mesmo aqueles que, aparentemente, não demonstraram tanta emotividade, estendiam os braços buscando um abraço ou davam apertos de mão verdadeiramente calorosos, sacudindo minha mão entre as suas, agradecendo por tê-los ouvido, mesmo que, para quase todos eles, eu não passasse de uma desconhecida que estavam mantendo contato pela primeira vez.

REFERÊNCIAS

- ACIOLE, Giovanni Gurgel; BERGAMO, Daniela Carvalho. Cuidado à família enlutada: uma ação pública necessária. **Saúde em Debate**, [S.L.], v. 43, n. 122, p. 805-818, set. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0103-1104201912212>.
- AHMED, Md Zahir; AHMED, Oli; AIBAO, Zhou; HANBIN, Sang; SIYU, Liu; AHMAD, Akbaruddin. Epidemic of COVID-19 in China and associated Psychological Problems. **Asian Journal Of Psychiatry**, [S.L.], v. 51, p. 1-7, jun. 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ajp.2020.102092>.
- ALVES, Aline Martins *et al.* Medicalização do luto: limites e perspectivas no manejo do sofrimento durante a pandemia. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.L.], v. 37, n. 9, p. 1-5, 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00133221>.
- American Psychological Association (2020b). Grief and COVID-19: Saying goodbye in the age of physical distancing. Disponível em: <https://www.apa.org/topics/covid-19/griefdistance>. Acesso em: 20 de março de 2022.
- AMORIM, Thaís Vasconcelos *et al.* Operationality of concepts in Heideggerian phenomenological investigation: epistemological reflection on nursing. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S.L.], v. 72, n. 1, p. 304-308, fev. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0941>.
- ARANGO, Celso. Lessons Learned From the Coronavirus Health Crisis in Madrid, Spain: how covid-19 has changed our lives in the last 2 weeks. **Biological Psychiatry**, [S.L.], v. 88, n. 7, p. 33-34, out. 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.biopsych.2020.04.003>.
- AREIA, Neide P.; MAJOR, Sofia; GASPAR, Catarina; RELVAS, Ana Paula. Cuidados paliativos oncológicos em contexto de internamento e domiciliário: necessidades, morbidade psicológica e luto antecipatório nos familiares do doente terminal e impacto na qualidade de vida familiar. **Psychologica**, [S.L.], v. 60, n. 2, p. 27-44, 13 dez. 2017. Coimbra University Press. http://dx.doi.org/10.14195/1647-8606_60-2_2.
- ARIÉS, Philippe. (1977). A história da morte e do morrer no ocidente: da idade média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- ARIÉS, Phillippe. História da Morte no Ocidente: Da idade média aos nossos tempos. Edição 1. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1 de maio de 2017.
- BAJWAH, Sabrina *et al.* Managing the supportive care needs of those affected by COVID-19. **European Respiratory Journal**, [S.L.], v. 55, n. 4, p. 1-7, abr. 2020. European Respiratory Society (ERS). <http://dx.doi.org/10.1183/13993003.00815-2020>.
- BIRGISDÓTTIR, Dröfn *et al.* Losing a parent to cancer as a teenager: family cohesion in childhood, teenage, and young adulthood as perceived by bereaved and

non :bereaved youths. **Psycho-Oncology**, [S.L.], v. 28, n. 9, p. 1845-1853, 18 jul. 2019. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1002/pon.5163>.

BOWLBY, John. (1990). Apego e perda (Vol. 1: A natureza do vínculo). São Paulo, SP: Martins Fontes.

BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães; FARINHA, Marciana Gonçalves. Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 23, n. 1, p. 65-73, abr. 2017.

BRASIL. Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Saúde Mental e Atenção psicossocial na oandemia de Covid-19. Rio de Janeiro-RJ, março/2020. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%C3%BAde-Mental-e-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-processo-de-luto-no-contexto-da-Covid-19.pdf>. Acesso em: 21 de março de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus Brasil**. Brasília, 2022.

BROOKS, Samantha K; WEBSTER, Rebecca K; SMITH, Louise e; WOODLAND, Lisa; WESSELY, Simon; GREENBERG, Neil; RUBIN, Gideon James. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The Lancet**, [S.L.], v. 395, n. 10227, p. 912-920, mar. 2020. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s0140-6736\(20\)30460-8](http://dx.doi.org/10.1016/s0140-6736(20)30460-8).

BUSA, Ana Laura Araujo; SILVA, Gabriela Braga da; ROCHA, Fernanda Pessolo. O Luto do Jovem Adulto Decorrente da Morte dos Pais pelo Câncer. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [S.L.], v. 39, p. 1-16, 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003183780>.

CARDINALLI, Ida Elizabeth. Heidegger: o estudo dos fenômenos humanos baseados na existência humana como ser-aí (dasein). **Psicologia Usp**, [S.L.], v. 26, n. 2, p. 249-258, ago. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420135013>.

CARDOSO, Érika Arantes de Oliveira *et al.* The effect of suppressing funeral rituals during the COVID-19 pandemic on bereaved families. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, [S.L.], v. 28, p. 1-9, 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.4519.3361>.

CECCON, Neila Jucilene. A MORTE E O LUTO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA HUMANISTA. **Cadernos de Artigos Científicos**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 883-889, out. 2017.

COGO, Adriana Silveira; E et al. Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid 19: Processo de luto no contexto da Covid 19. (CEPEDES) da Fiocruz, 2020.

COMASSETTO, Isabel. **Tempos difíceis**: familiares vivenciando o processo de morrer no mundo do hospital. 2014. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.83.2014.tde-15072014-100708. Acesso em: 2022-04-21.

CREPALDI, Maria Aparecida; SCHMIDT, Beatriz; NOAL, Débora da Silva; BOLZE, Simone Dill Azeredo; GABARRA, Letícia Macedo. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, [S.L.], v. 37, p. 1-12, 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>.

DAHDAH, Daniel Ferreira *et al.* Revisão sistemática sobre luto e terapia ocupacional. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, [S.L.], v. 27, n. 1, p. 186-196, 2019. Editora Cubo. <http://dx.doi.org/10.4322/2526-8910.ctoar1079>.

DANTAS, Clarissa de Rosalmeida *et al.* O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, [S.L.], v. 23, n. 3, p. 509-533, set. 2020. FapUNIFESP (SciELO).

DANZMANN, Pâmela Schultz; SILVA, Ana Claudia Pinto da; GUAZINA, Félix Miguel Nascimento. Implicações da morte e luto na saúde mental do sujeito frente à pandemia / Implications of death and grief for the subject's mental health in the face of the pandemic. **Id On Line Revista de Psicologia**, [S.L.], v. 15, n. 55, p. 33-51, 31 maio 2021. Lepidus Tecnologia. <http://dx.doi.org/10.14295/idonline.v15i55.3016>.

DODD, Anne *et al.* Complicated grief knowledge, attitudes, skills, and training among mental health professionals: a qualitative exploration. **Death Studies**, [S.L.], p. 1-12, 2 abr. 2020. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/07481187.2020.1741048>.

DUTRA, Kassiane *et al.* Experiencing suicide in the family: from mourning to the quest for overcoming. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S.L.], v. 71, n. 5, p. 2146-2153, 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0679>.

FELIX, Wagner. A ontologia mortal de Martin Heidegger. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 95-113, dez. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302017000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 05 jul. 2022.

FREITAS, Joanneliese de Lucas. Luto, pathos e clínica: uma leitura fenomenológica. **Psicologia Usp**, [S.L.], v. 29, n. 1, p. 50-57, jan. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420160151>.

FREUD, Sigmund (1996). O inconsciente. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (v. XIV, pp.163-222) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).

FUSTINONI, Chiara Ferreira; CANIATO, Angela. O luto dos familiares de desaparecidos na Ditadura Militar e os movimentos de testemunho. **Psicologia Usp**, [S.L.], v. 30, p. 1-9, 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564e180131>.

GIAMATTEY, Maria Eduarda Padilha; FRUTUOSO, Joselma Tavares; BELLAGUARDA, Maria Lígia dos Reis; LUNA, Ivânia Jann. Rituais fúnebres na

pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações. **Escola Anna Nery**, [S.L.], v. 26, n. , p. 1-9, 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2021-0208>.

GOMES, Daniele Moreira. SOUSA, Airle Miranda. A morte sob o olhar fenomenológico: uma revisão integrativa. **Revista do Nufen**, Belém, v. 09, n. 03, p. 164-176, dez. 2017.

GONZÁLEZ, Alberto Durán; GARRANHANI, Mara Lúcia; BORTOLETTO, Maira Sayuri Sakay; ALMEIDA, Marcio José de; MELCHIOR, Regina; NUNES, Elisabete de Fátima Polo Almeida. Fenomenologia heideggeriana como referencial para estudos sobre formação em saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, [S.L.], v. 16, n. 42, p. 809-817, 30 ago. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-32832012005000035>.

GONZALEZ, Francisco L. **Plato and Heidegger: A Question of Dialogue**. Penn State University Press, 15 de maio de 2011.

GUEDES, Alexandre. Temporalidade, sentido autêntico da existência e a questão da ontologia fundamental em Heidegger. **Nat. hum.**, São Paulo , v. 22, n. 2, p. 219-236, dez. 2020 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302020000200015&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 05 jul. de 2022.

HEIDEGGER , A essência do fundamento, 1ª ed, editora edições 70, 2007.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis –RJ, 10ª edição, Edit. VOZES, 2015.

HOTT, Márden Cardoso Miranda. COVID-19: complicando o rito da morte e o luto. **Interamerican Journal Of Medicine And Health**, [S.L.], v. 3, n. 1, p. 1-2, 27 maio 2020. Sociedade Regional de Ensino e Saude LTDA. <https://doi.org/10.31005/iajmh.v3i0.121>

ILVA, Breno César de Almeida da; SANTOS, Manoel Antônio dos; OLIVEIRA-CARDOSO, Érika Arantes de. Vivências de familiares de pacientes com câncer: revisitando a literatura. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto , v. 20, n. 1, p. 140-153, jan. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702019000100011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 jun. 2022.

INGRAVALLO, Francesca. Death in the era of the COVID-19 pandemic. **The Lancet Public Health**, [S.L.], v. 5, n. 5, p. 258-258, maio 2020. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s2468-2667\(20\)30079-7](http://dx.doi.org/10.1016/s2468-2667(20)30079-7).

JORGE, Marco Antonio Coutinho; MELLO, Denise Maurano; NUNES, Macla Ribeiro. Medo, perplexidade, negacionismo, aturdimiento - e luto: afetos do sujeito da pandemia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, [S.L.], v. 23, n. 3, p. 583-596, set. 2020. FapUNIFESP (SciELO).

KIRCHNER, Renato. A analítica existencial heideggeriana: um modo original de compreender o ser humano. **Revista NUFEN**, v 8, n. 2, p.112-128, dez, 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912016000200009#:~:text=Uma%20anal%C3%ADtica%20capaz%20de%20descrever,\(Heidegger%2C%201995\)2](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912016000200009#:~:text=Uma%20anal%C3%ADtica%20capaz%20de%20descrever,(Heidegger%2C%201995)2). Acesso em 21 de maio de 2022.

KUBLER-ROSS, Elisabeth. Sobre a morte e o morrer. Tradução: Paulo Menezes. 7ªed. São Paulo: Martins Fontes editora Ltda, 1996.

LEITE, Sonia. O inominável e a transitoriedade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, [S.L.], v. 22, n. 1, p. 11-19, jan. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2018v22n1p11.1>.

LIU, Jia Jia; BAO, Yanping; HUANG, Xiaolin; SHI, Jie; LU, Lin. Mental health considerations for children quarantined because of COVID-19. **The Lancet Child & Adolescent Health**, [S.L.], v. 4, n. 5, p. 347-349, maio 2020. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s2352-4642\(20\)30096-1](http://dx.doi.org/10.1016/s2352-4642(20)30096-1).

LOBIANCO, Anna Carolina; COSTA-MOURA, Fernanda. Covid-19: luto, morte e a sustentação do laço social. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [S.L.], v. 40, p. 1-11, 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003244103>.

LOPES, Fernanda Gomes; LIMA, Maria Juliana Vieira; ARRAIS, Rebecca Holanda; AMARAL, Natália Dantas do. A dor que não pode calar: reflexões sobre o luto em tempos de covid-19. **Psicologia Usp**, [S.L.], v. 32, p. 1-13, 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564e210112>.

LUNDORFF, Marie; HOLMGREN, Helle; ZACHARIAE, Robert; FARVER-VESTERGAARD, Ingeborg; O'CONNOR, Maja. Prevalence of prolonged grief disorder in adult bereavement: a systematic review and meta-analysis. **Journal Of Affective Disorders**, [S.L.], v. 212, p. 138-149, abr. 2017. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jad.2017.01.030> .

MALTA, Deborah Carvalho *et al.* A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal, 2020. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, [S.L.], p. 1-27, 4 set. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/scielopreprints.1165> .

MANDATO, Felipe; MORAES, Francisco José Dias de. Morte, medo e transcendência em Pascal e Heidegger. *Revista Estudos de Filosofia e Ensino*. v.2, n.1.p.120-141, 2020. Disponível em: <http://revistas.cefetrij.br/index.php/estudosdefilosofiaeensino/article/view/487/364>. Acesso em: 29 de junho de 2022.

MARTIN, Terry L. Worden, J. W. (2018). Grief Counseling and Grief Therapy. A Handbook for the Mental Health Practitioner. **Omega - Journal Of Death And Dying**, [S.L.], v. 80, n. 2, p. 331-334, 4 set. 2019. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0030222819869396>.

MCCONNELL-HENRY, Tracy; CHAPMAN, Ysanne; FRANCIS, Karen. Husserl and Heidegger: exploring the disparity. **International Journal Of Nursing Practice**, [S.L.], v. 15, n. 1, p. 7-15, fev. 2009. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1440-172x.2008.01724.x>.

MEDEIROS, Clarice *et al.* A dor do luto: perspectivas psicanalíticas. **Trivium: Estudos Interdisciplinares**, [S.L.], v. 11, n. 2, p. 1-13, 2019. Universidade Veiga de Almeida. <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2019v2p.222>.

MELLO, Robson. LUTO NA PANDEMIA COVID-19: entrevista com prof. dra. maria virgínia filomena cremasco. **Revista Psicofae: Pluralidades em Saúde Mental**, [S.L.], v. 9, n. 1, p. 1-11, jul. 2020. . <http://dx.doi.org/10.17648/2447-1798-revistapsicofae-v9n1-1>.

MENEGHEL, Stela Nazareth; RIBEIRO, Rafael Henrique; OLIVEIRA, Daniel Canavese de. Grupos virtuais no enfrentamento do medo e da morte durante a epidemia de covid-19: contribuições da saúde coletiva. **Saúde e Sociedade**, [S.L.], v. 31, n. 1, p. 1-11, 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902022210294>.

MICHEL, Luís Henrique Fuck; FREITAS, Joanneliese de Lucas. A clínica do luto e seus critérios diagnósticos: possíveis contribuições de tatossian. **Psicologia Usp**, [S.L.], v. 30, p. 19, 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564e180185>.

MINAYO, M.C.S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v. 5, n. 7, p. 01-12, abril. 2017.

MORRIS, Sue E.; MOMENT, Amanda; THOMAS, Jane Delima. Caring for Bereaved Family Members During the COVID-19 Pandemic: before and after the death of a patient. **Journal Of Pain And Symptom Management**, [S.L.], v. 60, n. 2, p. 70-74, ago. 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jpainsymman.2020.05.002>.

NANTES, Arilço Chaves. A fenomenologia de Edmund Husserl como método para a psicologia. **Revista da sociedade de psicologia do Rio Grande do Sul-Diaphora**. Porto Alegre, v 9, n 1, jan/jun.2020. Disponível em: <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/208/197>. Acesso em 23 de maio de 2022.

NASCIMENTO FL. Cemitério x novo coronavírus: impactos da COVID-19 na saúde pública e coletiva dos mortos e dos vivos. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**.v. 2, n.4, p. 1-9, abr 2020. doi: <http://dx.doi.org/10.5281/zenodo.3748890>.

NEVES, Marcos Freire de Andrade. Living the death of others: the disruption of death in the covid-19 pandemic. **Horizontes Antropológicos**, [S.L.], v. 27, n. 59, p. 91-108, abr. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832021000100005>.

- OLIVEIRA, Eliany Nazaré *et al.* “Aquele adeus, não pude dar”: luto e sofrimento em tempos de covid-19. **Enfermagem em Foco**, [S.L.], v. 11, n. 2, p. 1-7, 18 dez. 2020. Conselho Federal de Enfermagem - Cofen. <http://dx.doi.org/10.21675/2357-707x.2020.v11.n2.esp.4203>.
- ORNELL, Felipe *et al.* “Pandemic fear” and COVID-19: mental health burden and strategies. **Brazilian Journal Of Psychiatry**, [S.L.], v. 42, n. 3, p. 232-235, jun. 2020. EDITORA SCIENTIFIC. <http://dx.doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>.
- PEDRON, Flávio Quinaud; SILVA, João Paulo Soares e. O PAPEL DE HEIDEGGER NA TRANSFORMAÇÃO DOS SENTIDOS DA HERMENÊUTICA ONTOLÓGICA DO SÉCULO XX. **Revista de Direito da Faculdade Guanambi**, [S.L.], v. 5, n. 01, p. 50-73, 31 jul. 2018. Centro de Educacao Superior de Guanambi (CESG). <http://dx.doi.org/10.29293/rdfg.v5i01.214>.
- REBELO, José Eduardo; LANCMAN, Selma; BATISTA, Marina Picazzio Perez. Perspectivas sobre as estruturas não governamentais e a ação comunitária no apoio ao luto sadio em Portugal e o “Modelo Vivencial do Luto Sadio”. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, [S.L.], v. 28, n. 1, p. 1-8, 8 jun. 2017. Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestao da Informacao Academica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v28i1p1-8>.
- REIS, Cristine Gabrielle da Costa dos; QUINTANA, Alberto Manuel; NARDINO, Fernanda. Religiosidade e Espiritualidade no Processo de Luto de Pais cujos Filhos Morreram Crianças. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 136-155, 26 abr. 2021. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/epp.2021.59375>.
- ROCHA, Ana Paula Carvalho; FONSÊCA, Leylanne Cavalcante da; SALES, Roberto Lopes. Dialogando sobre a morte como forma de prevenção do luto mal elaborado. **Revista Psicologia e Saberes** [S. L.], v. 8, n. 12, p. 31-50, 15 agos.2019. Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1054>. Acesso em: 20 de maio de 2022.
- ROEHE, Marcelo Vial; DUTRA, Elza. Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. **Avances En Psicología Latinoamericana**, [S.L.], v. 32, n. 1, p. 105-113, 13 jan. 2014. Colegio Mayor de Nuestra Señora del Rosario. <http://dx.doi.org/10.12804/apl32.1.2014.07>.
- SANTOS, Maiara Rodrigues dos *et al.* Da hospitalização ao luto: significados atribuídos por pais aos relacionamentos com profissionais em oncologia pediátrica. **Revista da Escola de Enfermagem da Usp**, [S.L.], v. 53, p. 1-9, 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1980-220x2018049603521>.
- SCANLON, J., & MCMAHON, T. (2011). Dealing with mass death in disasters and pandemics. *Disaster Prevention and Management*, 20(2), 172-185. <https://dx.doi.org/10.1108/09653561111126102>.
- SCHMIDT, Beatriz; CREPALDI, Maria Aparecida; BOLZE, Simone Dill Azeredo; NEIVA-SILVA, Lucas; DEMENECH, Lauro Miranda. Saúde mental e intervenções

psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estudos de Psicologia (Campinas)**, [S.L.], v. 37, p. 1-13, 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>.

SCOPEL, Luana Dondé Tochetto; CONTE, Raquel Furtado. Posvenção com pais enlutados: uma estratégia de cuidado no contexto do suicídio. **Psi Unisc**, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 98-109, 25 fev. 2022. APESC - Associação Pro-Ensino em Santa Cruz do Sul. <http://dx.doi.org/10.17058/psiunisc.v6i1.16445>.

SELMAN, Lucy E.; CHAO, Davina; SOWDEN, Ryann; MARSHALL, Steve; CHAMBERLAIN, Charlotte; KOFFMAN, Jonathan. Bereavement Support on the Frontline of COVID-19: recommendations for hospital clinicians. **Journal Of Pain And Symptom Management**, [S.L.], v. 60, n. 2, p. 81-86, ago. 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jpainsymman.2020.04.024>.

SILVA, Jovânia Marques de Oliveira e; LOPES, Regina Lúcia Mendonça; DINIZ, Normélia Maria Freire. Fenomenologia. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s. l.], v. 2, n. 61, p. 254-257, mar. 2008.

SOUZA JUNIOR, Luiz Alberto de; HENDERSON, Guilherme Freitas. Testemunhos durante a pandemia: reflexões psicanalíticas sobre trauma, estado, economia e morte. **Saúde e Sociedade**, [S.L.], v. 30, n. 3, p. 1-11, 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902021200435>.

SOUZA Marcela Astolphi, CABEÇA Luciana Palacio Fernandes, MELO Luciana de Lione. [Nursing research supported by the phenomenological framework of Martin Heidegger]. **Rev Enferm**. 2018;36(2):230-7. Portuguese. <https://doi.org/10.15446/av.enferm.v36n2.67179>.

SOUZA, Christiane Pantoja de; SOUZA, Airle Miranda de. Rituais Fúnebres no Processo do Luto: significados e funções. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S.L.], v. 35, p. 1-7, 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e35412>.

SOUZA, Jeane Barros de; HEIDEMANN, Ivonete Terezinha Schülter Buss; GEREMIA, Daniela Savi; MADUREIRA, Valéria Silvana Faganello; BITENCOURT, Julia Valeria de Oliveira Vargas; TOMBINI, Larissa Hermes Thomas. Pandemia e imigração: famílias haitianas no enfrentamento da covid-19 no brasil. **Escola Anna Nery**, [S.L.], v. 24, n. , p. 1-9, fev. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2020-0242>.

SUNDE, Rosario Martinho; SUNDE, Lucildina Muzuri Conferso. LUTO FAMILIAR PELA COVID-19: dor e sofrimento psicológico. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, [S.L.], v. 8, n. 3, p. 703-710, 5 nov. 2020. Revista Interfaces: Saude, Humanas e Tecnologia. <http://dx.doi.org/10.16891/2317-434x.v8.e3.a2020.pp703-710>.

WALLACE, Cara L.; WLADKOWSKI, Stephanie P.; GIBSON, Allison; WHITE, Patrick. Grief During the COVID-19 Pandemic: considerations for palliative care

providers. **Journal Of Pain And Symptom Management**, [S.L.], v. 60, n. 1, p. 70-76, jul. 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jpainsymman.2020.04.012> .

WALTER, Tony; BAILEY, Tara. How Funerals Accomplish Family: findings from a mass-observation study. **Omega - Journal Of Death And Dying**, [S.L.], v. 82, n. 2, p. 175-195, 6 out. 2018. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0030222818804646>.

WANG, Samuel S.y. *et al.* Pursuing a Good Death in the Time of COVID-19. **Journal Of Palliative Medicine**, [S.L.], v. 23, n. 6, p. 754-755, 1 jun. 2020. Mary Ann Liebert Inc. <http://dx.doi.org/10.1089/jpm.2020.0198> .

APÊNDICE

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa: **“Luto vivido pela família na pandemia COVID-19”** dos pesquisadores Prof^a Dr^a Isabel Comassetto e Enf^a. Diana Hadaça de Lima Araújo Vilela.

A seguir, as informações do projeto de pesquisa com relação a sua participação neste projeto:

- 1. O estudo se destina a** desvelar qual a experiência do luto vivido pelos familiares de pacientes que foram a óbito por COVID-19.
- 2. A importância deste estudo é** a de para possibilitar a facilitação de ações e implantação de novas políticas públicas voltadas para o familiar que vivencia a perda em período pandêmico.
- 3. Os resultados que se desejam alcançar são os seguintes:** obter o conhecimento para contribuir para o aprofundamento das pesquisas de enfermagem para o cuidado com o familiar. De posse do conhecimento do fenômeno velado nesta experiência obter-se-á estratégias para melhorar a assistência, intensificando diferentes formas de sistematizar o processo do cuidar, levando em consideração as dimensões humanas e subjetivas da família.
- 4.** As entrevistas serão realizadas somente após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes. Respeitando os decretos locais, estaduais e nacionais vigentes relacionados à pandemia do COVID-19. Com previsão de início para **outubro de 2021 e terminará em dezembro de 2022.**
- 5. O estudo será feito da seguinte maneira,** considerando as resoluções 510/16 e 466/12 esta pesquisa iniciará com uma entrevista fenomenológica, individual, gravada ou transcrita, guiada pela questão disparadora: “Conte para mim sobre sua experiência vivida com a morte do seu familiar por COVID-19”.com duração aproximada de 40 minutos, os depoimentos serão transcritos na íntegra, e analisados com vistas a identificar os significados atribuídos aos seus vividos, conforme momentos metodológicos de Martin Heidegger: realizar-se-á o primeiro movimento interpretativo, também chamado de compreensão vaga e mediana, por meio do qual se desvelará a instância imediata do vivido, de onde se apreendeu os significados demonstrados nos discursos dos participantes. Neste momento, o que desponta e se mostra diretamente chama-se de primado ótico ou significâncias óticas, das quais emergem as unidades de significado. No segundo movimento analítico, busca-se o desvelamento do sentido encoberto nas aparências, as revelações ontológicas, que viabilizam o alcance do sentido fenomenológico. Após os resultados serão discutidos com autores pertinentes para a temática.
- 6. A sua participação será nas seguintes etapas:** Na entrevista fenomenológica, dando o depoimento sobre sua experiência vivida.
- 7. Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental são:** Há a

possibilidade de constrangimento por sua participação se dar em uma abordagem de entrevista individual, o que direciona para a pessoa durante a condução da mesma. Neste tipo de entrevista é possível que o participante apresente emoções através do choro e angústia.

8. Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente, são a contribuição para o conhecimento do enfermeiro, que poderá realizar uma assistência de saúde para a pessoa que perde seu ente querido, pois seu vivido ampliará o conhecimento sob uma nova perspectiva a qual o pesquisador se propõe a investigar

9. Você poderá contar com a seguinte assistência: Diante de algum desconforto inesperado, causador de qualquer incomodo (choro, emoção, angústia), os pesquisadores suspenderão a entrevista e darão apoio emocional, podendo remarcar em outra data, se assim você concordar. Por se tratar de uma entrevista cuidadosamente combinada anteriormente ao seu início, acredite que você se sentirá confortável para dar seu depoimento. Sendo responsáveis principais ela sua assistência os pesquisadores Prof^a Dr^a Isabel Comassetto e a Enf^a Diana Hadaça de Lima Vilela.

10. Você será informado (a) do resultado final do projeto por meio digital escolhido (E-mail, WhatsApp, outros) e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

11. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

12. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto após a sua autorização.

13. Devido a natureza da pesquisa você não terá nenhuma despesa para sua participação, assim como não está previsto para você nenhum ressarcimento nesta pesquisa.

14. Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos.

Eu....., tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço dos pesquisadores

Prof^a Dr^a Isabel Comassetto

Enf^o Diana Hadaça de Lima Vilela

Instituição: Universidade Federal de Alagoas

APÊNDICE B

INSTRUMENTO DE COLETA**Título da Pesquisa: Luto vivido pela família na pandemia COVID-19**Pesquisadores: Prof^a Dr^a Isabel Comassetto/ Enf^a Diana Hadaça de Lima Vilela

Dados para caracterização do participante		
Nº da Entrevista	Data:	Duração da entrevista:
Telefone:	WhatsApp	E-mail
Idade:	Sexo: () F () M	Gênero:
Profissão:	Grau de escolaridade:	Ocupação:
Quantos familiares tiveram COVID-19	Teve COVI-19: () S () N	Teve COVI-19 no mesmo período que seu familiar que foi à óbito: () S () N
Foi vacinada: () S () N	Qual vacina:	Teve COVI-19 após vacina: () S () N
Grau de parentesco com a pessoa que foi à óbito:	Nº de parentes que foram à óbito por COVID-19	Data que ocorreu o óbito:

PERGUNTA NORTEADORA DA ENTREVISTA FENOMENOLÓGICA

“Conte sobre sua experiência sobre o luto vivido pela morte de seu familiar pela COVID-19, durante a Pandemia. ”

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, S/N
 Complemento: Tabuleiro do Martins
 Cidade: Maceió/AL CEP: 57075-470
 Campus A. C. Simões, Cidade Universitária
 Ponto de referência: Escola de Enfermagem, sala 218
 Telefone: (82) 3214-1155

Contato de urgência da Participante:
 Sr (a)
 Endereço:
 Complemento.....
 Cidade/CEP:
 Telefone:
 Ponto de referência:
 E-mail:.....WhatsApp.....

ATENÇÃO: O Comitê de Ética do HUPAA analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
 Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes
 Avenida Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro dos Martins, Maceió/AL.
 Telefone: 32023800 – Horário de Atendimento: das 8:00 as 12:00hs.

Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas.	Pesquisadora responsável e/ou pesquisador responsável

Maceió, ____ de ____ de ____

APÊNDICE C
CONSOLIDATED CRITERIA FOR REPORTING QUALITATIVE RESEARCH (COREQ) - VERSÃO EMPORUGUÊS FALADO NO BRASIL (SOUZA, MARZIALE, SILVA, NASCIMENTO, 2021).

Critérios consolidados para relatar pesquisa qualitativa			
Nº do item	Tópico	Perguntas/Descrição do Guia	Pag.
Domínio 1: Equipe de pesquisa e reflexividade			
Características pessoais			
1	Entrevistador/facilitador	Qual autor (autores) conduziu a entrevista ou o grupo focal?	26
2	Credenciais	Quais eram as credenciais do pesquisador? Exemplo: PhD, médico.	78
3	Ocupação	Qual a ocupação desses autores na época do estudo?	78
4	Gênero	O pesquisador era do sexo masculino ou feminino?	25
5	Experiência e treinamento	Qual a experiência ou treinamento do pesquisador?	78
Relacionamento com os participantes			
6	Relacionamento estabelecido	Foi estabelecido um relacionamento antes do início do estudo?	26
7	Conhecimento do participante sobre o entrevistador	O que os participantes sabiam sobre o pesquisador? Por exemplo: objetivos pessoais, razões para desenvolver a pesquisa.	26
8	Características do entrevistador	Quais características foram relatadas sobre o entrevistador/facilitador? Por exemplo, preconceitos, suposições, razões e interesses no tópico da pesquisa.	26
Domínio 2: Conceito do estudo			
Estrutura teórica			
9	Orientação metodológica e teoria	Qual orientação metodológica foi declarada para sustentar o estudo? Por exemplo: teoria fundamentada, análise do discurso, etnografia, fenomenologia e análise de conteúdo.	18
Seleção de participantes			
10	Amostragem	Como os participantes foram selecionados? Por exemplo: conveniência, consecutiva, amostragem, bola de neve.	26
11	Método de abordagem	Como os participantes foram abordados? Por exemplo: pessoalmente, por telefone, carta ou e-mail.	26
12	Tamanho da amostra	Quantos participantes foram incluídos no estudo?	25
13	Não participação	Quantas pessoas se recusaram a participar ou desistiram? Por quais motivos?	26
Cenário			
14	Cenário da coleta de dados	Onde os dados foram coletados? Por exemplo: na casa, na clínica, no local de trabalho.	26
15	Presença de não participantes	Havia mais alguém presente além dos participantes e pesquisadores?	26
16	Descrição da amostra	Quais são as características importantes da amostra? Por exemplo: dados demográficos, data da coleta.	25
Coleta de dados			
17	Guia da entrevista	Os autores forneceram perguntas, instruções, guias? Elas foram testadas por teste-piloto?	27
18	Repetição de entrevistas	Foram realizadas entrevistas repetidas? Se sim, quantas?	27
19	Gravação audiovisual	A pesquisa usou gravação de áudio ou visual para coletar os dados?	27
20	Notas de campo	As notas de campo foram feitas durante e/ou após a entrevista ou o grupo focal?	27
21	Duração	Qual a duração das entrevistas ou do grupo focal?	26
22	Saturação de dados	A saturação de dados foi discutida?	28

Critérios consolidados para relatar pesquisa qualitativa			
Nº do item	Tópico	Perguntas/Descrição do Guia	Pag.
23	Devolução de transcrições	As transcrições foram devolvidas aos participantes para comentários e/ou correção?	27
Domínio 3: Análise e resultados			
	Análise de dados		
24	Número de codificadores de dados	Quantos foram os codificadores de dados?	32
25	Descrição da árvore de codificação	Os autores forneceram uma descrição da árvore de codificação?	32
26	Derivação de temas	Os temas foram identificados antecipadamente ou derivados dos dados?	32
27	Software	Qual software, se aplicável, foi usado para gerenciar os dados?	28
28	Verificação do participante	Os participantes forneceram feedback sobre os resultados?	29
	Relatório		
29	Citações apresentadas	As citações dos participantes foram apresentadas para ilustrar os temas/achados? Cada citação foi identificada? Por exemplo, pelo número do participante.	34
30	Dados e resultados consistentes	Houve consistência entre os dados apresentados e os resultados?	31
31	Clareza dos principais temas	Os principais temas foram claramente apresentados nos resultados?	31
32	Clareza de temas secundários	Há descrição dos diversos casos ou discussão dos temas secundários?	31

Extraído de:

*Souza VR, Marziale MH, Silva GT, Nascimento PL. Tradução e validação para a língua portuguesa e avaliação do guia COREQ. *Acta Paul Enferm.* 2021;34:eAPE02631.
<http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2021ao02631>

ANEXO

ANEXO 1- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Luto vivido pela família da pessoa que foi a óbito na pandemia COVID-19

Pesquisador: Isabel Comassetto

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 54137721.8.0000.5013

Instituição Proponente: Escola de Enfermagem e Farmácia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.284.729

Apresentação do Projeto:

O objeto de estudo proposto para esta pesquisa é a "experiência do luto vivido pelos familiares de pessoas que foram a óbito por COVID-19". Em face da magnitude e das implicações da vivência do luto em um momento atípico como este, esta pesquisa propõe como questão norteadora do estudo: Qual experiência do luto vivido pelos familiares de pessoas que foram a óbito por COVID-19? Diante da magnitude e das implicações da vivência do luto em um momento atípico como este, emerge o interesse de adentrar no mundo do Ser-em-luto e Compreender a experiência do luto vivido pelos familiares de pessoas que foram a óbito por COVID-19. Referencial Teórico será a fenomenologia existência de Martin Heidegger. Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, de abordagem fenomenológica. Participarão da pesquisa 15 familiares de pessoas que foram à óbito por COVID-19. Será realizado no período de 06 de fevereiro de 2022 a 30 de abril de 2022. Serão realizadas entrevistas fenomenológicas, após serão transcritas na íntegra e analisadas, seguindo os momentos metódicos compreensivos de Heidegger, realizar-se-á o primeiro movimento interpretativo, também chamado de compreensão vaga e mediana, por meio do qual se desvelará a instância imediata do vivido, de onde se apreendeu os significados demonstrados nos discursos dos participantes. Neste momento, o que desponta e se mostra diretamente chama-se de primado ótico ou significâncias óticas, das quais emergem as unidades de significado. No segundo movimento analítico, busca-se o desvelamento do sentido encoberto nas aparências, as revelações

Endereço: Av. Longitudinal UFAL 1, nº1444, térreo do prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC) entre o SINTUFAL
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 57.072-900
UF: AL **Município:** MACEIO
Telefone: (82)3214-1041 **E-mail:** cep@ufal.br

Continuação do Parecer: 5.284.729

ontológicas, que viabilizam o alcance do sentido fenomenológico.

Objetivo da Pesquisa:

Em face da magnitude e das implicações da vivência do luto em um momento atípico como este, emerge o interesse de adentrar no mundo do Ser-em-luto com o objetivo de:

Compreender a experiência do luto vivido pelos familiares de pessoas que foram a óbito por COVID-19.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo os autores:

*Riscos:

As pesquisadoras se comprometem a não infligir danos ou males intencionalmente, no entanto, durante as entrevistas poderá ocorrer o risco de o familiar participante sentir-se emocionado ou constrangido ao expor determinada situação e/ou inibição, desconfortável com a quebra de sigilo de certas situações, apresentar falta de argumentos no momento da entrevista, ou até mesmo falta de tempo para respondê-la. Caso algum familiar participante demonstre qualquer desconforto, a entrevista será interrompida, sendo retomada somente a critério do participante, e o mesmo será ouvido e terá seus sentimentos acolhidos pelas pesquisadoras.

[...]

Benefícios:

As pesquisadoras esperam que o resultado desta pesquisa possibilite o fortalecimento e ampliação das políticas e ações relativas aos processos de terminalidade, morte e luto no contexto da pandemia de COVID-19 no Brasil, de modo que seja possível conhecer como esses processos estão sendo experienciados e propor intervenções alinhadas às especificidades das demandas do cenário nacional.* [...]

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, como requisito parcial para obtenção do título de mestre

Orientadora: Profª Drª. Isabel Comassetto

Endereço: Av. Longitudinal UFAL 1, nº1444, térreo do prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC) entre o SINTUFAL
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 57.072-900
UF: AL **Município:** MACEIO
Telefone: (82)3214-1041 **E-mail:** cep@ufal.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS



Continuação do Parecer: 5.284.729

Área de concentração: Enfermagem no cuidado em saúde e na promoção da vida

Linhas de pesquisa: Enfermagem, vida, saúde e cuidado com grupos humanos

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, de abordagem fenomenológica. Participarão da pesquisa 15 familiares de pessoas que foram à óbito por COVID-19. Será realizado no período de 06 de fevereiro de 2022 a 30 de abril de 2022. Serão realizadas entrevistas fenomenológicas, após serão transcritas na íntegra e analisadas, seguindo os momentos metódicos compreensivos de Heidegger, realizar-se-á o primeiro movimento interpretativo, também chamado de compreensão vaga e mediana, por meio do qual se desvelará a instância imediata do vivido, de onde se apreendeu os significados demonstrados nos discursos dos participantes. Neste momento, o que desponta e se mostra diretamente chama-se de primado ótico ou significâncias óticas, das quais emergem as unidades de significado. No segundo movimento analítico, busca-se o desvelamento do sentido encoberto nas aparências, as revelações ontológicas, que viabilizam o alcance do sentido fenomenológico

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

apresenta todos os termos obrigatórios

Recomendações:

vide "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto sem óbices éticos

1 Sobre o projeto:

1.1 sobre o item "Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental"

é necessário incluir quais medidas serão tomadas caso os riscos se efetivem, incluindo encaminhamento para atendimento psicológico e/ou psiquiátrico especializado caso sejam identificadas dificuldades importantes no processo de elaboração do luto.

(PENDÊNCIA RESOLVIDA).

1.2 Esclarecer como, quando e onde : "Foram realizados previamente contatos diretos com possíveis familiares participantes da pesquisa." (plano de recrutamento). A carência de informações limitou a apreciação ética.

Endereço: Av. Longitudinal UFAL 1, nº1444, térreo do prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC) entre o SINTUFAL
 Bairro: Cidade Universitária CEP: 57.072-900
 UF: AL Município: MACEIO
 Telefone: (82)3214-1041 E-mail: cep@ufal.br

Continuação do Parecer: 5.284.729

Área de concentração: Enfermagem no cuidado em saúde e na promoção da vida

Linhas de pesquisa: Enfermagem, vida, saúde e cuidado com grupos humanos

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, de abordagem fenomenológica. Participarão da pesquisa 15 familiares de pessoas que foram à óbito por COVID-19. Será realizado no período de 08 de fevereiro de 2022 a 30 de abril de 2022. Serão realizadas entrevistas fenomenológicas, após serão transcritas na íntegra e analisadas, seguindo os momentos metódicos compreensivos de Heidegger, realizar-se-á o primeiro movimento interpretativo, também chamado de compreensão vaga e mediana, por meio do qual se desvelará a instância imediata do vivido, de onde se apreendeu os significados demonstrados nos discursos dos participantes. Neste momento, o que desponta e se mostra diretamente chama-se de primado ótico ou significâncias óticas, das quais emergem as unidades de significado. No segundo movimento analítico, busca-se o desvelamento do sentido encoberto nas aparências, as revelações ontológicas, que viabilizam o alcance do sentido fenomenológico

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

apresenta todos os termos obrigatórios

Recomendações:

vide "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto sem óbices éticos

1 Sobre o projeto:

1.1 sobre o item "Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental"

é necessário incluir quais medidas serão tomadas caso os riscos se efetivem, incluindo encaminhamento para atendimento psicológico e/ou psiquiátrico especializado caso sejam identificadas dificuldades importantes no processo de elaboração do luto.

(PENDÊNCIA RESOLVIDA).

1.2 Esclarecer como, quando e onde : "Foram realizados previamente contatos diretos com possíveis familiares participantes da pesquisa." (plano de recrutamento). A carência de informações limitou a apreciação ética.

Endereço: Av. Longitudinal UFAL 1, nº1444, térreo do prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC) entre o SINTUFAL
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 57.072-900
UF: AL **Município:** MACEIO
Telefone: (82)3214-1041 **E-mail:** cep@ufal.br

Continuação do Parecer: 5.284.729

Área de concentração: Enfermagem no cuidado em saúde e na promoção da vida

Linhas de pesquisa: Enfermagem, vida, saúde e cuidado com grupos humanos

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, de abordagem fenomenológica. Participarão da pesquisa 15 familiares de pessoas que foram à óbito por COVID-19. Será realizado no período de 06 de fevereiro de 2022 a 30 de abril de 2022. Serão realizadas entrevistas fenomenológicas, após serão transcritas na íntegra e analisadas, seguindo os momentos metódicos compreensivos de Heidegger, realizar-se-á o primeiro movimento interpretativo, também chamado de compreensão vaga e mediana, por meio do qual se desvelará a instância imediata do vivido, de onde se apreendeu os significados demonstrados nos discursos dos participantes. Neste momento, o que desponta e se mostra diretamente chama-se de primado ótico ou significâncias óticas, das quais emergem as unidades de significado. No segundo movimento analítico, busca-se o desvelamento do sentido encoberto nas aparências, as revelações ontológicas, que viabilizam o alcance do sentido fenomenológico

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

apresenta todos os termos obrigatórios

Recomendações:

vide "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto sem óbices éticos

1 Sobre o projeto:

1.1 sobre o item "Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental"

é necessário incluir quais medidas serão tomadas caso os riscos se efetivem, incluindo encaminhamento para atendimento psicológico e/ou psiquiátrico especializado caso sejam identificadas dificuldades importantes no processo de elaboração do luto.

(PENDÊNCIA RESOLVIDA).

1.2 Esclarecer como, quando e onde : "Foram realizados previamente contatos diretos com possíveis familiares participantes da pesquisa." (plano de recrutamento). A carência de informações limitou a apreciação ética.

Endereço: Av. Longitudinal UFAL 1, nº1444, térreo do prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC) entre o SINTUFAL
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 57.072-900
UF: AL **Município:** MACEIO
Telefone: (82)3214-1041 **E-mail:** cep@ufal.br

Continuação do Parecer: 5.284.729

Área de concentração: Enfermagem no cuidado em saúde e na promoção da vida

Linhas de pesquisa: Enfermagem, vida, saúde e cuidado com grupos humanos

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, de abordagem fenomenológica. Participarão da pesquisa 15 familiares de pessoas que foram à óbito por COVID-19. Será realizado no período de 08 de fevereiro de 2022 a 30 de abril de 2022. Serão realizadas entrevistas fenomenológicas, após serão transcritas na íntegra e analisadas, seguindo os momentos metódicos compreensivos de Heidegger, realizar-se-á o primeiro movimento interpretativo, também chamado de compreensão vaga e mediana, por meio do qual se desvelará a instância imediata do vivido, de onde se apreendeu os significados demonstrados nos discursos dos participantes. Neste momento, o que desponta e se mostra diretamente chama-se de primado ótico ou significâncias óticas, das quais emergem as unidades de significado. No segundo movimento analítico, busca-se o desvelamento do sentido encoberto nas aparências, as revelações ontológicas, que viabilizam o alcance do sentido fenomenológico

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

apresenta todos os termos obrigatórios

Recomendações:

vide "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto sem óbices éticos

1 Sobre o projeto:

1.1 sobre o item "Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental"

é necessário incluir quais medidas serão tomadas caso os riscos se efetivem, incluindo encaminhamento para atendimento psicológico e/ou psiquiátrico especializado caso sejam identificadas dificuldades importantes no processo de elaboração do luto.

(PENDÊNCIA RESOLVIDA).

1.2 Esclarecer como, quando e onde : "Foram realizados previamente contatos diretos com possíveis familiares participantes da pesquisa." (plano de recrutamento). A carência de informações limitou a apreciação ética.

Endereço: Av. Longitudinal UFAL 1, nº1444, térreo do prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC) entre o SINTUFAL
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 57.072-900
UF: AL **Município:** MACEIO
Telefone: (82)3214-1041 **E-mail:** cep@ufal.br

Continuação do Parecer: 5.204.729

(PENDÊNCIA RESOLVIDA).

1.3 Esclarecer como, quando e onde serão realizadas as possíveis entrevistas;

(PENDÊNCIA RESOLVIDA).

1.4 Incluir declaração comprovando a assistência psicológica DURANTE AS ENTREVISTAS ou contato imediato, ou sobre-aviso, e inclusive quem será o responsável pela condução do participante ao atendimento em caso de o mesmo ter algum surto emocional durante a entrevista. NESTA DECLARAÇÃO PRECISAM SER informados o local, horário e nome dessa pessoa responsável pela assistência psicológica com assinatura do profissional responsável, bem como informar essas informações no TCLE.

(PENDÊNCIA RESOLVIDA).

1.5 Considerando a pandemia, quais medidas os pesquisadores irão ter para proteger o participante da pesquisa durante a coleta de dados presencial? Incluir no TCLE.

(PENDÊNCIA RESOLVIDA).

1.6 Considerando a pergunta da pesquisa detalhar mais os recursos que poderão ser utilizados, caso as respostas não atinjam o objeto da pesquisa, ou seja, descrever o reencaminhamento do assunto para aquele participante. Carece de esclarecimentos.

(PENDÊNCIA RESOLVIDA).

1.7 Justificar a escolha dos 15 participantes, esclarecendo ainda o por quê de 15; isto suscitou-se pois há limitações de como, quando e onde serão realizados os convites e como foram selecionados (pré-selecionados)esses 15 participantes e justificar os locais de origem desses participantes.

Endereço: Av. Longitudinal UFAL 1, nº1444, térreo do prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC) entre o SINTUFAL
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 57.072-900
UF: AL **Município:** MACEIO
Telefone: (82)3214-1041 **E-mail:** cep@ufal.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS



Continuação do Parecer: 5.284.729

(PENDÊNCIA RESOLVIDA).

1.8 A devolutiva dos resultados precisa ser da forma que o participante possa compreender, neste caso descrever outra forma de apresentação dos resultados para os participantes da pesquisa, uma vez que o artigo pode não ser publicado. Ademais, os pesquisadores informam que enviarão artigo científico depois de sua publicação, esclarecer qual garantia dessa publicação.

(PENDÊNCIA RESOLVIDA).

2. Sobre o TCLE (anexado em 01/12/2021; atualizado em 19/01/2022)

2.1 O documento não informa ao participante que ele será indenizado por qualquer dano sofrido durante a pesquisa. A Resolução CNS no 466 de 2012, item IV.3 define que "os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, têm direito a indenização, por parte do pesquisador, do patrocinador e das instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa". Qualquer pesquisa com seres humanos é passível de causar danos materiais e/ou imateriais e o participante tem o direito de ser indenizado. Solicita-se ao pesquisador que acrescente essa informação ao documento.

(PENDÊNCIA RESOLVIDA).

2.2 sobre o item "Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental" é necessário incluir quais medidas serão tomadas caso os riscos se efetivem, incluindo encaminhamento para atendimento psicológico e/ou psiquiátrico especializado caso sejam identificadas dificuldades importantes no processo de elaboração do luto.

(PENDÊNCIA RESOLVIDA).

2.3 Incluir garantia de ressarcimento (sem nexa causal). Deve ser garantido ao participante de pesquisa e seu acompanhante o ressarcimento de despesas decorrentes da participação no estudo nos dias em que for necessária sua presença para consultas ou exames. Sendo assim, solicita-se que o trecho seja reescrito garantindo, de forma clara e afirmativa, o ressarcimento das despesas

Endereço: Av. Longitudinal UFAL 1, nº1444, térreo do prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC) entre o SINTUFAL
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 57.072-900
UF: AL **Município:** MACEIO
Telefone: (82)3214-1041 **E-mail:** cep@ufal.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS



Continuação do Parecer: 5.284.729

tidas pelo participante da pesquisa e de seu acompanhante em decorrência de sua participação na pesquisa, podendo-se citar como exemplo, o transporte e a alimentação, mas não se restringindo a eles. (Resolução CNS nº 466 de 2012, itens II.21 e IV.3.g).

(PENDÊNCIA RESOLVIDA).

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezado (a) Pesquisador (a), de acordo com as diretrizes para pesquisas definidas pela Res. CNS 466/12 e suas complementares, seu protocolo está PENDENTE e, para que este seja considerado aprovado, deverá resolver todos os questionamentos e sugestões constantes no item CONCLUSÕES OU PENDÊNCIAS E LISTA DE INADEQUAÇÕES deste Parecer Consubstanciado.

Somente após esta reavaliação e possível aprovação é que esta poderá ser iniciada. Além disso, destacamos que:

V.Sª. terá um trâmite conosco de ATÉ 30 DIAS, após a data de emissão deste Parecer Consubstanciado, para resolução de suas pendências, porém, após este prazo, seu protocolo será considerado retirado. No entanto, solicitamos que o envio dos documentos pendentes NÃO ULTRAPASSE PRAZOS MAIORES QUE 15 DIAS CONSECUTIVOS, a fim de que o processo de tramitação possa ser mais rapidamente resolvido.

Para uma maior agilidade de análise e de retorno, solicitamos responder as pendências apontadas através de carta resposta, descrevendo a pendência e respondendo-a.

Lembramos que algumas adequações devem ser realizadas diretamente no projeto (Ex.: Orçamento e Cronograma) e outras apenas na carta resposta (procedimento, risco, benefício, critérios de interrupção, etc.) e/ou na documentação anexa (Ex.: TCLE, declarações, instrumento de coleta de dados, etc).

Atentar-se aos casos de necessidade de reanexar documentos ausentes e/ou com solicitação de ajustes.

Protocolo Aprovado

Prezado (a) Pesquisador (a), lembre-se que, segundo a Res. CNS 466/12 e sua complementar 510/2016:

O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado e deve receber cópia do TCLE, na íntegra, assinado e rubricado pelo (a) pesquisador (a) e pelo (a) participante, a não ser em estudo com autorização de declínio;

Endereço: Av. Longitudinal UFAL 1, nº1444, térreo do prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC) entre o SINTUFAL
 Bairro: Cidade Universitária CEP: 57.072-900
 UF: AL Município: MACEIO
 Telefone: (82)3214-1041 E-mail: cep@ufal.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS**



Continuação do Parecer: 5.294.729

V.Sª. deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade por este CEP, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata;

O CEP deve ser imediatamente informado de todos os fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É responsabilidade do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas a evento adverso ocorrido e enviar notificação a este CEP e, em casos pertinentes, à ANVISA;

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial;

Seus relatórios parciais e final devem ser apresentados a este CEP, inicialmente após o prazo determinado no seu cronograma e ao término do estudo. A falta de envio de, pelo menos, o relatório final da pesquisa implicará em não recebimento de um próximo protocolo de pesquisa de vossa autoria.

O cronograma previsto para a pesquisa será executado caso o projeto seja APROVADO pelo Sistema CEP/CONEP, conforme Carta Circular nº. 061/2012/CONEP/CNS/GB/MS (Brasília-DF, 04 de maio de 2012).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1885635.pdf	19/01/2022 01:24:19		Aceito
Outros	Carta_resposta_pendencia_assinado.pdf	19/01/2022 01:22:37	Isabel Comassetto	Aceito
Outros	Declaracao_publicizacao.pdf	19/01/2022 01:20:53	Isabel Comassetto	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_corrigido_versao1.pdf	19/01/2022 01:20:07	Isabel Comassetto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	19/01/2022 01:19:23	Isabel Comassetto	Aceito

Endereço: Av. Longitudinal UFAL 1, nº1444, térreo do prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC) entre o SINTUFAL
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 57.072-900
UF: AL **Município:** MACEIO
Telefone: (82)3214-1041 **E-mail:** cep@ufal.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS



Continuação do Parecer: 5.284.729

Outros	instrumento_de_coleta.pdf	01/12/2021 00:48:32	Isabel Comassetto	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	01/12/2021 00:46:23	Isabel Comassetto	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	01/12/2021 00:45:46	Isabel Comassetto	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	01/12/2021 00:44:58	Isabel Comassetto	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MACEIO, 10 de Março de 2022

Assinado por:
Carlos Arthur Cardoso Almeida
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Longitudinal UFAL 1, n°1444, térreo do prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC) entre o SINTUFAL
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 57.072-900
UF: AL **Município:** MACEIO
Telefone: (82)3214-1041 **E-mail:** cep@ufal.br